



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Denise Filipa Ferreira da Silva

PATRIMÓNIO CULTURAL EM ALCOBAÇA

O MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA

Relatório de Estágio do Mestrado em Património Cultural e Museologia, orientado pelo
Professor Doutor João Paulo Avelãs Nunes, apresentado ao Departamento de
História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade
de Coimbra

Setembro de 2019

FACULDADE DE LETRAS

PATRIMÓNIO CULTURAL EM ALCOBAÇA O MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	Património Cultural em Alcobça
Subtítulo	O Museu do Vinho de Alcobça
Autor/a	Denise Filipa Ferreira da Silva
Orientador/a(s)	Professor Doutor João Paulo Cabral de Almeida Avelãs Nunes
Júri	Presidente: Professor Doutor Francisco Paulo de Sá Campos Gil
	Vogais:
	1. Professor Doutor Pedro Jorge Cardoso Carvalho
	2. Professor Doutor João Paulo Cabral de Almeida Avelãs Nunes
Identificação do Curso	2º Ciclo em
Área científica	Património Cultural e Museologia
Especialidade/Ramo	Gestão e Programação
Data da defesa	31-10-2019
Classificação do Relatório	16 valores
Classificação do Estágio e Relatório	17 valores



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Agradecimentos

Agradeço ao Professor Doutor João Paulo Avelãs Nunes pela ajuda e orientação na realização deste trabalho e também ao Dr. Alberto Guerreiro por todo o apoio demonstrado durante o estágio. Agradeço ainda a todos os funcionários do Museu do Vinho de Alcobaça que me acolheram da melhor forma.

À Rita Milheiro por todas as palavras de força, amizade e incentivo que me ajudaram a não desistir. À Melissa, à Ana Catarina, ao Welton e ao João por toda a força que me deram e amizade que demonstraram ao longo desta caminhada. Agradeço ainda à Diana e à Mariana que me acompanharam desde o início desta longa jornada e que se tornaram essenciais no meu percurso académico.

Por fim, um agradecimento muito especial aos meus pais e irmão por me possibilitarem a realização deste sonho e por nunca duvidarem de mim.

A todos, o meu muito obrigada.

RESUMO

Património Cultural em Alcobaça: O Museu do Vinho de Alcobaça

O presente trabalho é o resultado final de um estágio curricular de seis meses no Museu do Vinho de Alcobaça. Aqui iremos descrever todas as atividades desenvolvidas durante o estágio, numa descrição e reflexão cuidada que acompanha todas as etapas do mesmo. Numa perspetiva mais teórica, faremos também uma abordagem ao património da cidade e de todo o concelho e trataremos com mais profundidade o Mosteiro de Santa Maria e o Museu do Vinho de Alcobaça.

Ao longo dos cerca de sete séculos de atividade monástica que o Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça teve, foi gravando o seu nome, de forma profunda, na História de Portugal. A história desta abadia cisterciense está intimamente relacionada com a história do nosso país. Foi no seguimento das primeiras conquistas cristãs, realizadas por D. Afonso Henriques e que deram origem a Portugal, que foi dada permissão para a construção do majestoso Mosteiro de Alcobaça. Ao longo de toda a vivência dos monges em Alcobaça, estes foram deixando uma impressionante marca na sociedade portuguesa com especial destaque para o facto de este local ter sido um verdadeiro impulsionador da vida cultural portuguesa, bem como muito inovador na área da agricultura.

No Museu do Vinho de Alcobaça, podemos encontrar um espólio muito vasto com um enfoque regional, mas também nacional. Ao visitar este espaço fazemos uma viagem aos tempos áureos da vitivinicultura no nosso país e, sobretudo, na zona de Alcobaça, onde é exposto um amplo acervo proveniente da antiga Junta Nacional do Vinho e do atual Instituto da Vinha e do Vinho.

Palavras-chave: Alcobaça, Museu do Vinho de Alcobaça, Mosteiro de Alcobaça, Património Cultural, Museologia.

ABSTRACT

Alcobaça Cultural Heritage: Alcobaça Wine Museum

This work is the end result of a six-month traineeship in Alcobaça Wine Museum. Here we will describe all the activities developed during the internship, in a careful description and reflection that follows all its stages. From a more theoretical perspective we will also take a look at the city's heritage and the whole municipality addressing in more depth the Santa Maria Monastery and the Alcobaça Wine Museum.

Over its nearly seven centuries of monastic activity, the Monastery of Santa Maria of Alcobaça had its name deeply engraved in the history of Portugal. The history of this Cistercian abbey is closely related to the history of our country. It was following the first Christian conquests made by D. Afonso Henriques - which originated Portugal - that permission was given for the construction of the majestic Alcobaça Monastery. Throughout their life in Alcobaça, the monks left an impressive mark on Portuguese society with special emphasis on the fact that this place was a true driver of Portuguese cultural life, as well as very innovative in the field of agriculture.

In the Alcobaça Wine Museum we can find a very large collection with a regional but also a national focus. When visiting this space, we take a trip to the golden age of winemaking in our country and especially in the Alcobaça area, where a large collection from the former National Wine Board and the current Institute of the Vine and Wine is exhibited.

Keywords: Alcobaça, Alcobaça Wine Museum, Alcobaça Monastery, Cultural Heritage, Museology.

Abreviaturas

MVA – Museu do Vinho de Alcobaça

CMA – Câmara Municipal de Alcobaça

E. A. – Entidade de Acolhimento

FLUC – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

JNV – Junta Nacional do Vinho

Índice

Introdução.....	1
1. Caracterização do Estágio	4
1.1 Exposições, Conferências e Atividades Desenvolvidas	8
2. Alcobaça: o Património	12
2.1. Breve Contextualização Teórica	12
2.2. Caso Particular de Alcobaça	15
2.3. O Mosteiro de Alcobaça.....	23
2.4 O Museu do Vinho de Alcobaça	29
2.5. Observações sobre a Rede de Património Cultural e Museus da Câmara Municipal de Alcobaça.....	34
3. A Entidade de Acolhimento	37
4. Atividade Desenvolvida	40
4.1 Baco (Deus Romano do Vinho)	42
Conclusão	47
Bibliografia.....	49
Webgrafia	51

Índice de Anexos

- I. Tabela relativa ao estudo da coleção de Baco.
- II. Folheto do Museu do Vinho em português.
- III. Folheto do Museu do Vinho em inglês, espanhol e francês.
- IV. Folheto do serviço educativo do Museu do Vinho.
- V. Imagens relativas ao estudo da coleção de Baco.

Introdução

O presente relatório é o resultado da realização de um estágio curricular no Museu do Vinho de Alcobaça levado a cabo entre os dias 10 de setembro de 2018 e 10 de março de 2019. Este estágio que teve como principal objetivo a conclusão do Mestrado em Património Cultural e Museologia, na vertente de gestão e programação, permitiu-me não apenas aperfeiçoar certas capacidades cognitivas relacionadas com a minha área de estudos, como também melhorar a minha perceção do que é a realidade prática do trabalho museológico.

Findo o primeiro ano curricular do Mestrado em Património Cultural e Museologia, decidi optar pela realização de um estágio que me permitisse finalizar o mesmo, mas que pudesse também trazer-me diversos conhecimentos úteis para o meu futuro profissional. Assim, tirei partido do protocolo estabelecido entre a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e a Câmara Municipal de Alcobaça, tendo sido colocada por esta entidade no Museu do Vinho de Alcobaça, sob a orientação do museólogo municipal Dr. Alberto Guerreiro.

Alcobaça fica situada na região Centro e sub-região Oeste (antiga região da Estremadura) de Portugal Continental, mais exatamente no distrito de Leiria. Esta cidade é sede de um município com cerca de 408,14 km² e com aproximadamente 52 693 habitantes (dados de 2011), o segundo mais populoso do distrito a que pertence, e conta atualmente com 13 freguesias. O município de Alcobaça é limitado a norte pelo município da Marinha Grande, a leste pelos municípios de Leiria, Porto de Mós e Rio Maior, a sudoeste pelo das Caldas da Rainha e a oeste pelo da Nazaré; tem ainda dois troços de costa atlântica, a noroeste e sudoeste. Esta cidade está localizada a 92 km a norte de Lisboa e a 88 km a sudoeste de Coimbra. Implantada na região Centro do país, Alcobaça usufrui de uma posição geográfica privilegiada, entre a serra e o mar, que pode oferecer inúmeras vantagens a nível turístico. Esta extraordinária localização, relativamente próxima quer da capital do país, quer de locais aprazíveis como a praia da Nazaré, potencia a diversificação das ofertas disponibilizadas pela cidade, no entanto, essa mesma diversificação de bens e serviços é um aspeto que se encontra ainda de certa forma um pouco subaproveitado.

Apesar de ser maioritariamente conhecida pelo seu mosteiro cisterciense, Alcobaça não deve ser apenas recordada ou reconhecida pela Abadia de Santa Maria, pois a cidade tem muito mais a oferecer a diversos níveis. Existe muito mais património interessante que merece uma visita para além daquela que foi a casa dos monges de Cister, património esse que se estende pelos diversos locais do concelho. Não podemos esquecer que este é um município com uma forte tradição agrícola, onde o vinho, a maçã e a ginja são protagonistas. Do mesmo modo, lembremos

que esta é uma terra de excelência na cerâmica, no cristal e na gastronomia, como comprovam os doces conventuais. Enfim, pode dizer-se que há ainda muitas possibilidades de a cidade de Alcobaça poder aproveitar da melhor forma todo o seu potencial e beneficiar de atividades económico-culturais mais diversificadas.

Apesar de na atualidade já não ser tanto assim, Alcobaça, no passado, obteve uma enorme visibilidade a nível nacional na área da vitivinicultura, o que permite dizer que este município possui uma grande tradição no setor vitivinícola, cuja origem remonta aos tempos dos monges cistercienses. O vinho era essencial na vida destes religiosos e, por isso, estes procuraram ser autossuficientes plantando vinhas um pouco por todos os coutos. A prova disso mesmo são os 23 lagares de vinho que os monges exploravam. Os religiosos de Alcobaça foram os precursores da arte de fazer vinho e da vitivinicultura por estas terras.

Contudo, o vinho não é protagonista apenas na altura dos monges brancos. Ao longo da história mais recente de Alcobaça, há figuras bastante relevantes nesta área que conseguiram dar protagonismo ao nome da cidade. No século XIX, José Eduardo Raposo Magalhães com a sua marca JEM eleva bastante o nome de Alcobaça no panorama vitivinícola do nosso país. Membro de uma família tradicionalmente ligada ao labor da vinha, esta importante figura da história de Alcobaça fundou uma adega no Olival Fechado que se revelou pioneira em muitos sentidos, sobretudo nos avanços técnicos que possuía. Mais tarde, já no século XX, o edifício da adega foi vendido à Junta Nacional do Vinho que posteriormente passa a denominar-se de Instituto da Vinha e do Vinho e que toma conta deste local até aos anos 80 do século passado. Esta adega dá então origem ao Museu Nacional do Vinho, atualmente Museu do Vinho de Alcobaça.

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos e sete subcapítulos. No primeiro capítulo, farei uma descrição do estágio, na qual abordo as principais tarefas realizadas durante o mesmo. Neste primeiro capítulo, há ainda um subcapítulo onde descrevo quais as exposições e conferências em que participei.

No segundo capítulo, iremos falar do património da cidade de Alcobaça e também dos bens patrimoniais disseminados por todo o concelho. Este ponto está organizado em cinco subcapítulos. No primeiro subcapítulo, elaboro uma breve contextualização teórica de forma a definir e esclarecer conceitos que utilizarei ao longo do trabalho que aqui apresento. No segundo, procedo a uma enumeração descritiva dos principais bens que compõem o património cultural edificado do concelho de Alcobaça. No terceiro, faço um breve esboço da história do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça. No quarto, falo de forma sumária sobre o Museu do Vinho de Alcobaça e qual a

origem do mesmo. No quinto subcapítulo, aponto algumas observações acerca da rede de património cultural e museológico da Câmara Municipal de Alcobaça.

O terceiro capítulo é dedicado à entidade de acolhimento, a Câmara Municipal de Alcobaça, pelo que abordarei o papel da mesma durante o meu estágio.

Por fim, o quarto capítulo será sobre uma atividade que desenvolvi no decorrer do meu estágio e, sendo que esta está relacionada com o deus romano do vinho, há neste ponto um subcapítulo dedicado a Baco.

Como já foi acima referido, Alcobaça é um dos principais pontos turísticos da região Centro do país. Contudo, apesar de todo o seu potencial, o município padece de uma crónica falta de qualidade no que diz respeito aos serviços que presta ao turista, o que resulta numa dramática redução da sua estadia. Quando o visitante percorre o património da cidade, depara-se com situações que não são de todo favoráveis, como o encerramento de alguns locais ou a falta de percursos estruturados que ajudem o turista a orientar-se no território. Tudo isto resulta de uma gestão não muito eficiente do património da cidade, muito embora seja importante referir que nos últimos anos tem existido um certo esforço por parte da autarquia para contrariar esta deficiente gestão e tem sido feito um investimento assinalável na área cultural. O Museu do Vinho de Alcobaça é, de certa forma, uma prova desse mesmo esforço que a autarquia tem feito para melhorar a sua gestão patrimonial. Até 2012, este espaço encontrava-se encerrado ao público. Nesse ano, a Câmara Municipal de Alcobaça resgatou a antiga adega de José Eduardo Raposo Magalhães e, com a ajuda de uma comissão instaladora, abriu as portas do Museu do Vinho de Alcobaça. Foi neste espaço museológico que realizei o meu estágio e é sobre ele que vamos falar de forma mais aprofundada mais adiante.

1. Caracterização do Estágio

No dia 10 de setembro de 2018, data marcada para o início do estágio, compareci na Câmara Municipal de Alcobaça para uma reunião, previamente marcada, com aquele que viria a ser o meu orientador na entidade de acolhimento. Nessa ocasião, fui informada de que iria realizar o estágio no Museu do Vinho de Alcobaça e o meu orientador traçou, desde logo, as principais atividades a realizar durante os seis meses da minha formação. De seguida, foi-me apresentado o museu, numa visita guiada bastante completa e com informação bastante detalhada. Desta forma, fiquei a conhecer os principais espaços que compõem o Museu do Vinho de Alcobaça e a forma como este funciona, bem como tive oportunidade de ser apresentada a todos os colaboradores da instituição. Neste primeiro dia, fiquei também a conhecer o meu horário, que seria de segunda a sexta das 9h às 12h30 e das 14h às 17h30.

Na primeira semana, foi-me dada a tarefa de estudar o guião das visitas guiadas ao museu, bem como de acompanhar todas as visitas realizadas. O meu orientador da entidade de acolhimento aconselhou-me também algumas leituras relacionadas com o museu, para que consolidasse conhecimentos sobre o mesmo. Desta forma, nas primeiras semanas de estágio, li algumas obras, tais como: *Enomemórias, Museologia e Património do Vinho (Território, Sociedade e Desenvolvimento)*, edição de Alberto Guerreiro, António Maduro, Jorge Custódio e Eduardo Gonçalves¹; *Territórios Vinhateiros de Portugal*, projeto e edição de AMPV- Associação de Municípios Portugueses do Vinho²; *Cadernos do Museu: Revista Científica do Museu do Vinho de Alcobaça*³; *O Espírito do Vinho e os Humores*, coordenação técnica e científica de Alberto Guerreiro⁴.

Nos segundo e terceiro dias de estágio, fui incumbida de ajudar na montagem do espaço que iria receber a exposição temporária *A Luz* (da qual falarei de forma mais detalhada no subcapítulo 1.1.). Assim, colaborei na limpeza do espaço e na preparação das paredes onde iriam ser fixados os quadros da artista RVieira.

¹GUERREIRO, Alberto, MADURO, António, CUSTÓDIO, Jorge, GONÇALVES, Eduardo - *Enomemórias, Museologia e Património do Vinho (Território, Sociedade e Desenvolvimento)*. Porto: Edições ISMAI - Centro de Publicações do Instituto Universitário da Maia, 2017.

²ARRUDA, José (coord.) – *Territórios Vinhateiros de Portugal*. Porto: Rainho & Neves Lda, 2018.

³*Cadernos do Museu: Revista Científica do Museu do Vinho de Alcobaça*. Alcobaça: Soares Lda, 2014.

⁴GUERREIRO, Alberto (coord.) – *O Espírito do Vinho e os Humores*. Alcobaça: Palma Artes Gráficas Lda, 2017.

Ainda durante a primeira semana de estágio, auxiliei os restantes colaboradores do museu numa pequena remodelação de um dos espaços - os depósitos subterrâneos. Ajudei na limpeza do local, no transporte de novas vitrines, bem como na colocação do espólio nos espaços indicados.

Todas estas tarefas mais específicas foram intercaladas com o acompanhamento das visitas guiadas ao museu, assim como com a leitura da bibliografia acima referida e do guião das visitas ao museu.

Na semana seguinte, prossegui com as leituras que me foram recomendadas e com o acompanhamento das visitas guiadas. Também durante esta segunda semana, no dia 18 de setembro, a pedido do meu orientador da entidade de acolhimento, compareci nas instalações da Câmara Municipal de Alcobaça para acompanhar uma reunião com Vítor Rodrigues, funcionário do gabinete de informática, e com Alexandre Matos, diretor do Departamento de Investigação e Formação da empresa «Sistemas do Futuro». A reunião começou com o pedido, por parte do Dr. Alberto Guerreiro, para que a Câmara Municipal providenciasse as condições informáticas necessárias ao meu estágio. Mais especificamente, tratava-se de pedir uma pen que me iria permitir aceder à internet do MVA, uma vez que o computador com que iria trabalhar era fixo e não tinha acesso à internet. No entanto, tal nunca chegou a acontecer, ou seja, durante os seis meses de estágio nunca me foi fornecida a dita pen, tendo sido obrigada a utilizar o meu computador pessoal. Ainda durante essa reunião, foi feita ligação via Skype com Alexandre Matos para que se pudessem acertar alguns pontos em relação à plataforma de gestão de património *In Patrimonium*, que a CMA iria comprar à empresa «Sistemas do Futuro». Com o fim da reunião, voltei para o museu. Durante os restantes dias da semana, bem como na semana seguinte, continuei com as tarefas que me foram dadas anteriormente: o acompanhamento das visitas guiadas e a leitura de alguns livros.

No dia 25 de setembro, terça-feira, a pedido do Dr. Alberto Guerreiro ajudei o Sr. Jorge Viana (funcionário do MVA) a desmontar algumas vitrines que se encontravam na adega dos depósitos. Estas vitrines iriam para a Biblioteca Municipal de Alcobaça, juntamente com o espólio que nelas se encontrava, para serem expostas durante o *Fórum das Organizações Não Governamentais (ONG) do Património 2018* que se realizou no dia 28 de setembro de 2018 nesse local.

No sábado seguinte, dia 29 de setembro, em comemoração das Jornadas Europeias do Património Cultural, o Museu do Vinho de Alcobaça organizou um evento especial, um teatro de marionetas, da companhia belga Tof Théâtre, denominado *No Atelier*. Excepcionalmente (visto ser

sábado), a pedido do Dr. Alberto Guerreiro, compareci no MVA para auxiliar nas comemorações. Assim, durante este dia, acompanhei as visitas guiadas que se realizaram e sempre que necessário estive na receção a receber os visitantes.

Na semana de 1 a 4 de outubro, os meus dias de estágio foram ocupados com a montagem da exposição temporária *Os Natividade: O Culto do Saber*, que teve lugar na sala de exposições temporárias do Mosteiro de Alcobaça (Ala Sul). Esta exposição estava inserida no programa cultural do evento anual organizado pela CMA, *Books & Movies*. Enquanto auxiliava na preparação desta exposição, foram-me dadas diversas tarefas, tais como: transporte e preparação (limpeza) de diversas peças que seriam expostas, preparação de algumas vitrines, organização dos espaços, observação de algum espólio que se encontrava numa reserva do Mosteiro de Alcobaça e auxílio na legendagem das peças expostas. Todas estas tarefas foram realizadas sob a orientação de Isabel Costeira (Mosteiro de Alcobaça) e Alberto Guerreiro (CMA).

Na semana seguinte, de 8 a 12 de outubro, decorreu a inauguração da exposição *Os Natividade: O Culto do Saber* e teve lugar um programa de visitas guiadas à mesma (sobre a exposição falarei no ponto 1.1. deste relatório). Estas visitas foram realizadas por grupos de alunos, desde os primeiros anos do ensino básico até ao ensino secundário, de escolas do concelho de Alcobaça. Para além das escolas, a exposição estava aberta a todo o público que estivesse interessado na história da família Natividade. Durante esta semana, a pedido do meu orientador da entidade de acolhimento, Dr. Alberto Guerreiro, os meus dias de estágio foram passados na Ala Sul do Mosteiro de Alcobaça com o objetivo de auxiliar na realização das visitas guiadas e de outras tarefas que poderiam surgir.

Na semana seguinte, as minhas tarefas de estágio voltaram a ser as mesmas das semanas anteriores, acompanhadas da leitura de bibliografia indicada pelo meu orientador da E.A.. No dia 17 de outubro, assisti a uma reunião com o Dr. Alexandre Matos (diretor do Departamento de Investigação e Formação da empresa «Sistemas do Futuro»), na qual este deu formação sobre o programa *In Patrimonium*, que o MVA iria utilizar para fazer o inventário de todo o seu espólio.

No dia 1 de novembro de 2018, como foi previamente combinado, compareci no MVA para a realização de uma reunião com os meus dois orientadores, o professor Doutor João Paulo Avelãs Nunes (FLUC) e o museólogo municipal Dr. Alberto Guerreiro (CMA). O principal objetivo deste encontro era traçar um plano de estágio para os meus seis meses de aprendizagem no Museu do Vinho de Alcobaça. Assim, ficou combinado que durante o estágio realizaria as seguintes tarefas:

- Participação na realização do inventário do espólio do Museu do Vinho de Alcobaça;
- Caracterização do Museu do Vinho de Alcobaça e da Câmara Municipal de Alcobaça (no que diz respeito ao património cultural);
- Acompanhamento da organização/concretização de exposições a realizar no MVA;
- Assistência a colóquios;
- Programação de uma atividade relacionada com o MVA.

Posto isto, no início da semana seguinte, comecei a procurar bibliografia que me fosse útil para a realização de uma caracterização do MVA. Para além de pesquisar na biblioteca do museu, durante as horas de estágio, ocupei também as minhas horas de almoço com a pesquisa de obras que me pudessem ser úteis na Biblioteca Municipal de Alcobaça.

Ainda durante a mesma semana (de 5 a 9 de novembro), colaborei nos preparativos para a realização do *Colóquio Ibero-americano de Património Cultural do Vinho* que se iria realizar no dia 10 de novembro na adega dos vinhos tintos do MVA. Consequentemente, no sábado, dia 10 de novembro, assisti à conferência que havia ajudado a preparar.

As semanas seguintes foram ocupadas com a recolha de bibliografia e leitura da mesma. Para além das obras já consultadas, o Dr. Alberto Guerreiro aconselhou-me ainda a leitura de alguns livros que explicavam a forma mais correta de elaborar um inventário de espólio museológico. Assim, também o mês de dezembro foi ocupado com a realização de leituras quer dos livros que me foram indicados, quer dos livros que pesquisei de forma autónoma. Simultaneamente, comecei a fazer o esboço da caracterização do museu.

Já durante o mês de janeiro de 2019 e após algumas conversas a propósito da atividade que seria mais indicada para eu concretizar, o meu orientador da entidade de acolhimento sugeriu-me a realização de um estudo sobre a coleção que o museu possuía do deus romano do vinho, Baco. O trabalho seria constituído por duas partes principais. Uma primeira parte consistiria num breve texto introdutório acerca de Baco, alguns mitos e histórias relacionadas com esta divindade, bem como a sua caracterização. Uma segunda parte compreenderia uma tabela Excel na qual estariam discriminados todos os itens pertencentes ao espólio existente no MVA sobre o deus romano, juntamente com o preenchimento de alguns campos informativos que o Dr. Alberto me iria fornecer.

Decidida a realizar esta atividade, comecei desde logo a trabalhar na sua concretização. Procurei no MVA espólio relacionado com Baco, inclusivamente em toda a coleção de cerâmica

que se encontrava em reserva. Depois de listados todos os objetos relacionados com o deus romano que encontrei na coleção do museu, fiz um documento em Excel no qual enumerei os mesmos. Para a redação do texto acerca dos aspetos míticos de Baco consultei o livro *Mitologia Geral*, Vol.1, de Maria Lamas, e pesquisei ainda alguns artigos em linha. Esta tarefa ocupou todo o mês de janeiro e alguns dias de fevereiro.

Apenas no mês de fevereiro tive oportunidade de começar a trabalhar com o programa *In Patrimonium*, pois só durante este mês a Câmara Municipal de Alcobaça conseguiu providenciar as condições necessárias para que tal acontecesse (um computador com internet e com acesso à plataforma necessária para abrir o programa de inventário).

Desta forma, durante todo o mês de fevereiro, a minha principal tarefa foi utilizar o programa *In Patrimonium* para inventariar todo o espólio que tinha selecionado para o estudo de Baco (visto não ser possível inventariar mais peças do museu, uma vez que o tempo já era escasso).

O final do meu estágio estava previsto para o dia 11 de março, porém, após o aconselhamento do meu orientador da E.A., foi adiado. Os últimos 11 dias de estágio foram agendados de modo a aproveitar ao máximo o tempo que me restava, pelo que terminei apenas no dia 19 de março de 2019. Estes últimos dias de trabalho foram ocupados com a inventariação do espólio de Baco.

No último dia, tive ainda oportunidade de acompanhar o Dr. Alberto Guerreiro numa visita a um particular, a fim de analisar e avaliar o interesse de uma coleção de minigarrafas (cerca de 1000) que o proprietário pretendia doar ao museu.

1.1 Exposições, Conferências e Atividades Desenvolvidas

Durante os seis meses de estágio foi-me possível acompanhar o desenvolvimento e a realização de diversas exposições e colaborar na sua execução. Este acompanhamento desde uma fase inicial até ao resultado final foi, de facto, bastante importante para a minha formação académica e para o meu futuro profissional. Assim, as quatro exposições que acompanhei foram:

Nome: A Luz

Artista: RVieira

Curador: Francisco Lacerda

Data: 15 de setembro a 7 de outubro de 2018

Local: Museu do Vinho de Alcobaça – Adega dos Balseiros

Descrição: “A exposição *A Luz* apresenta, na Adega dos Balseiros, uma seleção de obras de arte da autoria da artista plástica R Vieira, elaboradas entre 2005 e 2018. A obra de R Vieira explora a relação entre arte e a natureza, o corpo e o espaço envolvente, a Luz e a Água. A artista desafia ideias e atitudes convencionais através da Luz e da transparência. Demonstra um interesse e preocupação pela natureza e as suas fragilidades, o que acaba por se transformar numa investigação e advertência para o perigo da não proteção dos mares, oceanos, florestas, animais e preservação da natureza. R Vieira nasceu em 1951 em Alcobaça, Portugal. Vive e trabalha em Coimbra. A artista possui também uma formação em Cerâmica e Pintura da Escola Universitária das Artes de Coimbra (EUAC). A artista tem desenvolvido trabalhos em escultura, instalação, restauro e conservação, cerâmica, mobiliário interior e pintura. Já frequentou aulas com Isabel Azevedo, António Melo, João Dixo e o Atelier de Vítor Matias. É membro da SNBA – Sociedade Nacional de Belas Artes.”⁵

Nome: Os Natividade: O Culto do Saber

Comissariado: Alberto Guerreiro e Isabel Costeira

Data: 8 de outubro a 30 de dezembro de 2018

Local: Mosteiro de Alcobaça – Galeria de Exposições Temporárias (Ala Sul)

Descrição: “Por ocasião das efemérides dos 100 anos da morte de Manuel Vieira Natividade (20 abril 1860 – 20 fevereiro de 1918) e dos 50 anos da morte de Joaquim Vieira Natividade (22 novembro 1899 – 19 novembro 1968), a Câmara Municipal de Alcobaça e a Direção-Geral do Património Cultural - Mosteiro de Alcobaça, organizam uma exposição antológica dedicada ao vasto e magnífico legado histórico-cultural dos Natividade. A sua proeminência marca, ainda hoje, não somente o quotidiano local como também o património nacional. Bem para além da imediata evocação do trajeto destas duas figuras maiores da cultura científica portuguesa e da sociedade alcobacense, a exposição está firmada numa palheta transversal e multifacetada dos domínios da intervenção dos Natividade, correspondendo ao papel fundador e impulsionador que assumiram, em tempos distintos, na “construção” de uma Alcobaça, tanto moderna, como mundana. Atendendo a esta premissa conceptual, propomos uma abordagem

⁵ Texto integrante do catálogo da exposição. Também pode ser consultado em linha: https://www.facebook.com/notes/museu-do-vinho-de-alcobaça/museu-do-vinho-de-alcobaça-estrela-duas-exposições-a-15-de-setembro/2405723059445448/?fref=mentions&__tn__=K-R

simultaneamente diacrónica e sincrónica que percorre várias temáticas, com particular incidência no(s) espaço(s) de influência erudita, mas não só, que os próprios protagonizaram e que acabariam por moldar significativamente a matriz alcobacense contemporânea. Da arqueologia e da etnografia ao Mosteiro e Coutos de Alcobaça, do comércio e indústria à intervenção social, artística e cultural, a presente exposição pretende ser sobretudo um contributo abrangente da proporção eclética e multidimensional dos Natividade. Um contributo que não se cingia tão pouco ao labor solitário do pai (Manuel) e dos filhos (Joaquim e António) mas que antes se estendia a um vasto campo de vivências e de protagonistas que se muniam, em sentido obrigatório e de reverência, da prática do conhecimento e do culto do saber.”⁶

Nome: Do Desenho à Peça

Instituição que expõe: Cencal

Data: 23 de novembro a 9 de dezembro de 2018

Local: Museu do Vinho de Alcobaça - Adega dos Balseiros

Descrição: “De 23 de novembro a 9 de dezembro, a Adega dos Balseiros do Museu do Vinho de Alcobaça acolhe a exposição “Do Desenho à Peça”, uma mostra de trabalhos finais de formandos do Cencal Alcobaça a frequentar os cursos Técnico de Pintura e Decoração Cerâmica e Técnico de Modelação Cerâmica.

O CENCAL - Centro de Formação Profissional para a Indústria Cerâmica, procurando dar resposta às necessidades de profissionais qualificados por parte das empresas da região, reforçou as suas instalações oficinais em Alcobaça, ministrando cursos para jovens e adultos bem como para ativos de empresas com o objetivo de aumentar as competências na área da cerâmica. Com esta exposição procuramos proceder à divulgação junto da comunidade e das empresas da região de parte do trabalho desenvolvido ao longo do último ano.

Esta exposição reúne assim alguns trabalhos finais dos formandos, fazendo uma mostra das etapas principais e dando a conhecer diferentes fases do processo de construção de uma peça, desde o seu desenho e conceção à decoração final.

A reprodução de uma peça cerâmica passa por várias fases de construção até chegar ao produto final. A área da Modelação Cerâmica bem como a de Decoração, entre outras, são etapas

⁶ Texto integrante do catálogo da exposição. Também pode ser consultado em linha: <https://www.facebook.com/municipioalcobaca/photos/a.180120852070484/1950935214989030/?type=3&theater>

primordiais na elaboração da mesma. O Modelador cerâmico numa fase inicial do processo poderá contribuir para a conceção da peça cerâmica, execução dos modelos, madres, formas e moldes não metálicos, destinados à conformação da peça. O Técnico de Pintura participa na elaboração e analisa projetos decorativos por forma a selecionar e aplicar as técnicas e os processos de decoração mais adequados numa fase final de pintura e decoração.”⁷

Nome: II Centenário do Nascimento de Karl Marx. Legado, Intervenção e Luta. Transformar o Mundo.

Instituição que expõe: PCP

Data: 22 a 30 de novembro de 2018

Local: Museu do Vinho de Alcobaça – Adega dos Toneis

Descrição: “Em 2018, assinala-se o II centenário do nascimento de Karl Marx (nascido a 5 de Maio de 1818), personalidade incontornável não apenas na história do pensamento económico, filosófico e político da humanidade, mas também na contribuição que, pela sua práxis, deu a todos os que pretendem compreender e participar na ação transformativa do mundo.

O Museu do Vinho de Alcobaça acolhe, neste âmbito, a exposição “Legado, Intervenção, Luta. Transformar o Mundo”, dedicada à sua figura, patente entre os dias entre os dias 22 e 30 de novembro. A exposição, promovida pelo Partido Comunista Português, é composta por 15 painéis com informação histórica sobre a figura e o pensamento do filósofo alemão.

Com a elaboração dos fundamentos do materialismo dialético e do materialismo histórico, com as suas descobertas no domínio da filosofia e da economia, Marx, em estreita colaboração com Engels, deu à classe operária, aos povos, a todas as forças do progresso, um poderoso instrumento de análise e uma ferramenta de intervenção e luta. No mundo contemporâneo, estão presentes fenómenos e profundas transformações que comprovam as descobertas e as teorias de Marx, cuja atualidade, assim, se confirma.

⁷Texto integrante do catálogo da exposição. Também pode ser consultado em linha: <https://www.facebook.com/notes/museu-do-vinho-de-alcobaça/museu-do-vinho-de-alcobaça-exibe-trabalhos-finais-de-alunos-do-cencal/2558406487510437/>

No dia 30 de novembro terá lugar uma sessão pública, pelas 21h00, sobre a vida e obra de Karl Marx, sendo os oradores brevemente anunciados.”⁸

Em todas estas exposições tive oportunidade de ajudar na deslocação de peças e na preparação das mesmas para um transporte seguro, o que me permitiu pôr em prática alguns conhecimentos teóricos. Colaborei ainda na preparação dos expositores nos quais iria ser colocado o espólio, bem como na preparação das legendas.

Para além destas quatro exposições, acompanhei de perto os preparativos para a realização do *Colóquio Ibero-americano de Património Cultural do Vinho*, que se realizou a 10 de novembro de 2018 no Museu do Vinho de Alcobaça e que estava inserido nas comemorações do Dia Mundial e Europeu do Enoturismo, o que me permitiu alargar os meus conhecimentos no que à realização deste tipo de eventos diz respeito.

Para além destas atividades mais práticas, realizei um levantamento da coleção sobre *Baco* que o Museu do Vinho de Alcobaça possui. Dando sequência a esse levantamento, elaborei um pequeno texto onde abordei algumas lendas relacionadas com o deus romano do vinho e a forma como este foi interpretado ao longo dos tempos. Tive ainda oportunidade de inventariar o espólio selecionado para o estudo de Baco no sistema *In Patrimonium*.

Finalmente, elaborei um documento no qual descrevo e caracterizo o Museu do Vinho de Alcobaça, dando conta de um pouco da sua história.

2. Alcobaça: o Património

2.1. Breve Contextualização Teórica

Segundo a definição da UNESCO, património é a “conjugação das criações e dos produtos da natureza e do homem que, na sua integridade, constituem, no espaço e no tempo, o ambiente em que vivemos. O património é uma realidade, um bem da comunidade e uma valiosa herança que pode ser legada e que convida ao nosso reconhecimento e à nossa participação”⁹. Esta definição de património pretende ser o mais abrangente possível e por isso engloba não apenas elementos naturais, como também construções humanas, sejam elas edifícios construídos no

⁸ Texto integrante do catálogo da exposição. Também pode ser consultado em linha: <https://www.facebook.com/notes/museu-do-vinho-de-alcobaça/200-anos-do-nascimento-de-karl-marx-assinalados-em-exposição-no-museu-do-vinho-d/2558402404177512/>

⁹ ICOMOS - Charter for the preservation of Quebec's Heritage (Deschambault Declaration), Québec, 1982. [Acedido em julho de 2019]. Também disponível em linha: <https://www.icomos.org/en/support-us/179-articles-en-francais/ressources/charters-and-standards/192-the-deschambault-charter>

passado, esculturas, pinturas, poemas transmitidos oralmente ou por escrito, receitas, histórias, entre muitas outras realizações culturais.

Quanto ao património natural, a UNESCO afirma que são considerados como tal todos os monumentos naturais que resultam de formações físicas e biológicas ou grupos de tais formações que apresentam um valor excecional do ponto de vista estético ou científico. Ou ainda as formações geológicas e fisiográficas e as zonas rigorosamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais que se encontram ameaçadas, com valor universal excecional do ponto de vista da ciência ou da conservação e também “os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excecional do ponto de vista a ciência, conservação ou beleza natural”¹⁰.

Na *Carta de Cracóvia 2000*¹¹, define-se património de forma mais restrita como um conjunto de obras do Homem nas quais uma comunidade se consegue identificar e reconhecer os seus valores específicos e particulares. Assim, para que se possam identificar e valorizar estas obras como património é necessária a seleção de valores.

Por sua vez, a *Convenção de Haia*¹² define património cultural como o conjunto de todos os bens, móveis ou imóveis, que possuam uma grande importância para a cultura dos povos, assim como monumentos de arquitetura, de arte ou de história, religiosos ou laicos, ou sítios arqueológicos, os conjuntos de construções que representam um interesse histórico ou artístico, as obras de arte, os manuscritos, livros e outros objetos de interesse artístico, histórico ou arqueológico, bem como as coleções científicas e as relevantes coleções de livros, de arquivos ou de reproduções dos bens acima descritos.

Dentro do património cultural distinguem-se o património construído ou imóvel, o património móvel e o património imaterial. O primeiro caracteriza-se pelas estruturas criadas e implantadas pelo Homem, ou que o Homem produziu transformando a natureza, e que possuem valor de testemunho histórico, artístico e técnico. Estas podem ter uma finalidade imediata, relacionada com a vida material do Homem ou um fim mais remoto, e sobretudo simbólico, que

¹⁰ UNESCO – Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural, Paris, 1972. [Acedido em julho de 2019]. Também disponível em linha: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>

¹¹ UNESCO - Conferência Internacional sobre Conservação, Cracóvia, 2000. [Acedido em julho de 2019]. Também disponível em linha: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>

¹² UNESCO - Convenção para a Proteção dos Bens Culturais em Caso de Conflito Armado, Haia, 1954. [Acedido em julho de 2019]. Também disponível em linha: http://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/conv_prot_bens_culturais_conflito_armado.pdf

se encontra relacionado com a vida espiritual das comunidades. Estão inseridos neste tipo de património monumentos, conjuntos arquitetónicos e sítios construídos, onde são abrangidos edifícios e estruturas quer em contextos urbanos quer rurais. Também fazem parte do património construído os objetos móveis e os elementos decorativos que integram esses monumentos, conjuntos e sítios, bem como, em alguns casos, os espaços envolventes, designadamente as zonas de proteção.

No que diz respeito ao património móvel, são considerados como tal todos os bens que possam ser transportados, como obras de arte e outros objetos. Este tipo de património, normalmente exposto em museus, merece atenção porque reflete a criatividade e a estética do passado e do presente e é uma enorme contribuição para a preservação da identidade cultural das comunidades que lhe estão associadas.

Finalmente, fazem parte do património imaterial bens que constituem parcelas estruturantes da identidade e da memória coletiva de um povo. Este tipo de património cultural, que pode ou não ter suporte em coisas móveis ou imóveis, é representado através de testemunhos etnográficos ou antropológicos com valor civilizacional ou cultural com um significado relevante para a identidade e memória coletiva. A UNESCO entende como património cultural imaterial todas “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências - bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados - que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo parte do seu património cultural”¹³.

Segundo a *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial* da UNESCO¹⁴, o património cultural imaterial manifesta-se sobretudo nos seguintes domínios:

- a) Tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do património cultural imaterial;
- b) Artes do espetáculo;
- c) Práticas sociais, rituais e atos festivos;
- d) Conhecimentos e usos relacionados com a natureza e o universo;
- e) Técnicas artesanais tradicionais.

¹³ UNESCO – Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, Paris, 2003. [Acedido em julho de 2019]. Também disponível em linha: <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>

¹⁴ UNESCO – Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, Paris, 2003. [Acedido em julho de 2019]. Também disponível em linha: <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>

Um outro conceito que importa aqui esclarecer, uma vez que é uma palavra-chave deste trabalho, é o de museu. Para isso, recorreremos ao ICOM – International Council of Museums – que define como museu “uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite”¹⁵.

Posto isto, passemos ao caso específico do património cultural do concelho de Alcobaça.

2.2. Caso Particular de Alcobaça

Alcobaça, cidade situada na região Centro de Portugal, entre o antemural da Serra dos Candeeiros e a costa atlântica, tem uma forte ligação com a tradição histórica do nosso país. Segundo uma publicação da Câmara Municipal de Alcobaça¹⁶, quando falamos na fundação desta cidade, podemos recuar até ao período celtibero, mas efetivamente foi com a ocupação romana que a povoação de Alcobaça foi fundada. Esta ocupação romana é evidente sobretudo nos vestígios encontrados na estação arqueológica de Parreitas, situada na freguesia do Bário.

Também a ocupação árabe deixou algumas marcas em Alcobaça. Há autores que defendem que o nome da cidade resulta desta ocupação, bem como o nome de outros locais que pertencem ao concelho, como por exemplo Alfeizerão e Aljubarrota.

No entanto, a cidade de Alcobaça é predominantemente conhecida pelo Mosteiro, fundado com a ajuda de D. Afonso Henriques que realizou grandes doações à Ordem de Cister. Esta ordem religiosa, de origem francesa, teve um enorme peso no desenvolvimento cultural, social e económico da região de Alcobaça. Resultado desta importância é o facto de a primeira dinastia portuguesa ter concedido inúmeros privilégios aos monges, que resultaram na posse de um vasto território constituído por 12 coutos: Aljubarrota, Cós, Maiorga, Évora de Alcobaça, Turquel, Alvorninha, Pederneira, Cela, Alfeizerão, S. Martinho do Porto, Santa Catarina e Paredes.

Durante os cerca de sete séculos de funcionamento do Mosteiro, os monges foram deixando vestígios históricos da sua presença por todo o território que abrangia os seus coutos. Assim muitos destes locais têm património histórico importante. Para além dos monumentos ligados, direta ou

¹⁵ Informação disponível em linha: <http://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/> [Acedido em julho 2019]

¹⁶ MARVÃO, Susana (coord.) - *Alcobaça*. Alcobaça: Câmara Municipal de Alcobaça, 1998.

indiretamente, aos monges brancos de Alcobaça existem outros pontos de interesse na cidade que devem ser tidos em conta.

Neste capítulo, iremos fazer uma breve referência ao património da cidade de Alcobaça, que achamos merecer a atenção do público, mas também de outros locais que embora mais afastados da cidade faziam parte dos antigos coutos cistercienses e que hoje são parte do concelho de Alcobaça.

Começemos, então, pelo património da cidade de Alcobaça e passemos depois ao património disseminado pelo concelho.

Sistema Hidráulico Cisterciense: intimamente ligada com a história do Mosteiro de Alcobaça, a hidráulica monástica assumiu uma grande importância na conceção, implantação, desenvolvimento e exploração da abadia cisterciense em Alcobaça, quer no Conjunto Monumental, quer no que se conhece como a “cerca”. Este sistema que se estende pela cidade e assume uma enorme importância entre o século XII e o século XIX influenciou o crescimento e o desenvolvimento do aglomerado urbano de Alcobaça.

A água sempre desempenhou um papel marcante na vida do ser humano e ajudou-o a moldar a natureza, por isso a hidráulica foi determinante na fixação das populações laicas e monásticas e teve uma grande importância no modo de vida destas populações e nos consequentes desenvolvimentos construtivos e urbanos. Em Alcobaça não foi diferente. O sistema hidráulico cisterciense em Alcobaça era formado por uma complexa rede de linhas-canal, registos e controlos, sistemas de retenção e de armazenagem, engenhos e sistemas de elevação, como meios de captação, adução, distribuição, evacuação e drenagem e com finalidades de rega, consumos gerais, limpeza, força motriz, lazer, meio piscícola, drenagens pluviais, esgotos e de salubridade das construções.

Esta rede encontrava-se organizada de um modo hierarquizado e disciplinado que apresentava expressões notáveis de conceção, materialização e desenvolvimento, bem como de conservação, manutenção e exploração, o que revela notáveis conhecimentos de hidráulica, de engenharia e de arquitetura num cenário de criação harmoniosa, artística, útil, eficiente e pragmática. Assim, o sistema hidráulico cisterciense em Alcobaça constitui uma notável obra de arquitetura e de engenharia que merece a atenção do público¹⁷.

¹⁷ Cf. SILVA, Carlos Mendonça da - *Roteiro Cultural da Região de Alcobaça: a Oeste da Serra dos Candeeiros*. Alcobaça: Câmara Municipal de Alcobaça, 2001.

Casa Museu Vieira Natividade: situada em pleno Rossio de Alcobaça, a casa onde viveu Manuel Vieira Natividade alberga coleções de arqueologia, etnografia, artes plásticas, fotografia, têxteis e cerâmica pertencente ao espólio doado pela família ao Estado português. Nesta casa encontra-se um arquivo bibliográfico de enorme valor, de que fazem parte obras pertencentes à antiga Biblioteca do Mosteiro que estiveram na posse da família desde o período das guerras liberais.

Manuel Vieira Natividade, figura relevante em todo o país, era natural de Alcobaça. Formou-se em Coimbra na área de Farmácia, mas durante estes anos passados na cidade dos estudantes adquiriu notáveis conhecimentos na área da arqueologia, através da leitura das melhores obras sobre o assunto e também através do contacto com diversos estudiosos portugueses e estrangeiros. Vieira Natividade dedicou-se sobretudo ao estudo da região de Alcobaça onde, para além da Arqueologia, abordou diversos temas da região, nomeadamente, a etnografia e o folclore e estudou minuciosamente a iconografia dos túmulos de Pedro e Inês, bem como o próprio Mosteiro de Alcobaça. Durante a sua vida, colecionou e organizou em sua casa um vasto espólio arqueológico, onde reúne coleções de objetos do período Neolítico, da Idade do Bronze, do Ferro e do período Romano¹⁸.

Assim, a Casa Museu Vieira Natividade, que se encontra sob tutela da Secretaria de Estado da Cultura, tem uma enorme importância para a cidade de Alcobaça, mas também para todo o país. Este seria um enorme ponto de interesse para quem visita a cidade, porém, encontra-se fechado ao público.

Castelo de Alcobaça: situado num dos pontos mais altos da cidade, na margem esquerda do rio Baça, bastante perto da Praça 25 de Abril (Rossio), a construção deste castelo levanta algumas dúvidas, pois as fontes históricas são confusas e por vezes contraditórias no que diz respeito à sua fundação.

Maximiano de Lemos e Pinheiro Chagas partilham a opinião de que o castelo de Alcobaça foi edificado por povos visigodos no século VI ou VII e que, mais tarde, por volta do ano 716, tenha sido reedificado e ampliado pelos árabes, bem como conquistado por Afonso Henriques, na sequência da Reconquista no ano de 1147. Também segundo estes autores, em 1195, esta fortificação terá sido parcialmente destruída pelos árabes. Mais tarde, D. Sancho I manda-o reconstruir com o intuito de servir como proteção para os monges. Outros autores, como Frei

¹⁸ Cf. MARTINHO, Ana Margarida - *Manuel Vieira Natividade (1860-1918) do Mosteiro aos Coutos de Alcobaça: Um Périplo pela Salvaguarda do Património Cultural*. Lisboa: SINAPIS Editores, 2015.

António Brandão e Vieira Natividade acreditam que o castelo terá sido fundado por islâmicos, já Frei Manoel dos Santos e Saúl Gomes defendem que esta fortificação foi mandada erigir por D. Sancho I para proteção dos monges brancos contra incursões árabes.

Apesar das incertezas sobre a sua fundação, nunca houve dúvidas da sua importância estratégica para defesa da cidade e dos monges e também para defesa do país recém-formado que era Portugal. Contudo, o terramoto de 1755 fez-se sentir em Alcobaça fazendo enormes danos no castelo que ficou muito destruído, perdendo a sua função. No ano de 1838, a autarquia procede à sua demolição devido a uma grande procura de pedra para construções. Já no ano de 1956, por ocasião da visita da Rainha Isabel II do Reino Unido a Alcobaça a Câmara Municipal executa obras de requalificação no castelo¹⁹.

Pese embora encontrar-se atualmente em ruínas, o castelo de Alcobaça é um ponto de interesse para quem visita a cidade.

Igreja de Nossa Senhora da Conceição: a data de construção desta igreja é de 1648, porém, existiu previamente uma construção neste local que é bastante anterior à que hoje conhecemos. O primeiro edifício erigido neste local, denominado Igreja de Santa Maria a Velha, datava de 1152 e foi neste local que os monges cistercienses se instalaram aquando da sua chegada a Alcobaça, enquanto o mosteiro estava em fase de construção.

A edificação da atual Capela de Nossa Senhora da Conceição decorreu em 1648 e deverá ter ocorrido por degradação da anterior, motivando assim a construção de um templo completamente novo. Esta igreja, que representa um importante testemunho da história local pela sua antiguidade e sobretudo por estar edificada no mesmo local onde se instalaram os primeiros monges brancos de Alcobaça, está classificada como imóvel de interesse público desde 1959. Desta forma, este local merece a visita de todos os que procuram conhecer a história da ordem de Cister em Alcobaça.

Museu Raul da Bernarda: inaugurado em 2000, este museu aborda a história da maior e mais antiga representante da faiança em Alcobaça, a Fábrica Raul da Bernarda & Filhos, Lda. Atualmente, o museu divide-se em duas exposições: uma que dá a conhecer *Os Trajes do Rancho do Alcoa*, alusivos à louça de Alcobaça, e a coleção principal sobre a Cerâmica Raul da Bernarda.

¹⁹ ANTÓNIO, Jorge - *Intervenção Arqueológica no Castelo de Alcobaça: Campanhas de 2002-2004*. Almada: 2006.

A exposição dos trajes do Rancho do Alcoa marca a reabertura do Museu Raul da Bernarda, cujo espaço foi adquirido pela Câmara Municipal de Alcobaça e que desde 2010 está disponível ao público. Composta por um espólio doado à autarquia pelos antigos membros da coletividade, a exposição retrata a memória histórica, etnográfica e artística de um passado marcante da vida social e cultural de Alcobaça.

Já o espólio de cerâmica faz alusão àquela que foi a maior fábrica de faiança de Alcobaça. Fundada em 1875 por José dos Reis, mais tarde, no ano de 1900, tornou-se propriedade de Manuel Ferreira da Bernarda que, já no final da década de 20 do século XX, a delegou ao seu filho Raul da Bernarda. Foi na década de 30 do século XX que esta fábrica ganharia um enorme impulso criativo e artístico que lhe viria a conferir um enorme dinamismo.

Através de uma retrospectiva à vida empresarial, o Museu Raul da Bernarda procura mostrar ao visitante um acervo exemplificativo do trabalho que a fábrica desenvolveu, bem como procura dar a conhecer um pouco da história e dos costumes de Alcobaça ao expor os trajes do Rancho do Alcoa.

Museu da Faiança de Alcobaça: instalado na galeria conventual e inaugurado em 2013, para celebrar os vinte anos desta galeria, o museu pretende sobretudo homenagear Maria do Céu e Luís Pereira de Sampaio.

Com um espólio de mais de mil peças, o museu percorre a história da cerâmica alcobacense desde 1875 até aos dias de hoje. O acervo em exposição pertence à família Pereira Sampaio e apresenta peças de vários produtores locais, tais como a Fábrica de Faiança de José dos Reis, a Olaria de Alcobaça, a Vestal, a Estatuária Artística de Alcobaça, a Raul da Bernarda, a Elias e Paiva, Pereiras, a Mário Tanqueiro, as Cerâmicas São Bernardo, a Pombo Almeida e Ribeiro, as Faianças Neves e a Arfai/ IGM. Desta forma, este é mais um ponto de referência da cidade que merece visita, pois elucida-nos sobre a história da cerâmica de Alcobaça.

Igreja de Nossa Senhora da Ajuda: já fora de Alcobaça, na localidade da Vestiaria, esta igreja é famosa pelo seu portal manuelino. Esta localidade deve a sua existência ao Abade Comendatário D. Jorge de Melo que, não contente com o facto de a cerca da Abadia estar a ser invadida por população que procurava a proteção dos monges, devido ao direito de Couto, pediu a D. Manuel I que esse direito fosse transferido para a colina fronteira ao Mosteiro. Desta forma, foi fundada a vila de S. Bernardo e o rei autorizou a construção da Igreja de Nossa Senhora da

Ajuda. Contudo, o direito de Couto nunca foi consumado e a pequena povoação que ia crescendo em volta da igreja passou a denominar-se Vestiaria.

O portal manuelino desta igreja apresenta uma verga formada por arcos policêntricos e duas arquivoltas dentadas, sobretudo a exterior, que apresenta dentes de proporções consideráveis. Neste portal estão ainda presentes dois brasões do Abade Jorge de Melo e, no centro do portal, estão o escudo e a esfera armilar.

Já no interior da igreja, está presente uma imagem quinhentista da Senhora da Ajuda, a padroeira do templo. Numa dependência encontramos, também, duas outras esculturas de relevo, a Virgem e o Menino do século XVII e S. Miguel Arcanjo do século XVIII²⁰.

Em Aljubarrota, localidade conhecida sobretudo pela famosa batalha com o mesmo nome, encontram-se alguns locais interessantes para visita.

Igreja Paroquial de S. Vicente: construída em 1549 no local onde no passado existiu uma ermida do século XIII. Esta igreja foi uma exigência da população, que pretendia que Aljubarrota tivesse duas freguesias, cada uma com a sua igreja. No século XX, foi alvo de uma profunda intervenção, quer externa, quer internamente.

É nesta igreja que se encontra o Núcleo de Arte Sacra de Aljubarrota. Esta exposição conta com espólio artístico e religioso de grande valor histórico, cultural e litúrgico, incorporado numa exposição permanente que mostra a importância do património local. Este acervo mostra ao visitante uma coleção composta por epigrafia, estatuária, documentação, paramentaria e alfaias litúrgicas que cronologicamente vai desde a Idade Média até ao século XX. Em toda a exposição sobressai o valor de uma importante coleção documental, composta por missais romanos do século XVII ao século XX e também um Missal Cisterciense Setecentista.

Igreja Nossa Senhora dos Prazeres: a mais antiga igreja de Aljubarrota engloba vários estilos: o pórtico é românico (o que leva a crer que a construção do templo seja do século XIII), a capela do fundador é gótica e a que fica junto à entrada, renascentista. Porém, o que mais se destaca nesta igreja são elementos estéticos, do século XVIII, do período Barroco, como os retábulos do período Joanino²¹.

²⁰ Cf. SILVA, Carlos Mendonça da - *Roteiro Cultural da Região de Alcobaça: a Oeste da Serra dos Candeeiros*. Alcobaça: Câmara Municipal de Alcobaça, 2001.

²¹ Cf. SILVA, Carlos Mendonça da - *Roteiro Cultural da Região de Alcobaça: a Oeste da Serra dos Candeeiros...*, cit.

Estação Arqueológica de Parreitas: situada na freguesia do Bário, pensa-se que esta estação arqueológica tem origem na Idade do Ferro e que depois foi romanizada entre os séculos I e IV d.C.. A população que aqui habitou ter-se-á dedicado à pesca (devido à proximidade da lagoa da Pederneira) e sobretudo à agricultura.

Esta *villa* romana é composta por 15 salas de uma mansão agrícola, onde estão a casa do proprietário e as casas da exploração agrícola.

Museu Monográfico do Bário: situado no Bário e inaugurado a 8 de novembro de 1981, este museu aborda a história da localidade e das suas gentes e também conta com um acervo proveniente da *villa* romana de Parreitas.

A descoberta da presença romana em Alcobaça, mais precisamente no Bário, deve-se a escavações arqueológicas e a diversos estudos realizados na década de 80 do século XX e o resultado de todo esse trabalho de investigação pode ser visto e interpretado neste espaço museológico. Assim, o Museu Monográfico do Bário é importante para compreender a evolução socioeconómica da localidade, bem como para melhor conhecer a passagem romana, não apenas pela zona de Alcobaça, mas também por toda a Península Ibérica.

Mosteiro de Santa Maria de Cós: tal como o nome indica, este mosteiro feminino cisterciense está localizado na pequena povoação de Cós, a cerca de 14 km de Alcobaça. Este é um lugar profundamente agrário, onde se situava também uma importante rede viária comercial na altura. Os primórdios deste mosteiro são pouco conhecidos e pouco referidos em documentos, porém, sabe-se que esta comunidade organizada existe desde meados de duzentos do século XIII, pois o primeiro documento que faz referência às sorores de Cós data de 18 de maio de 1241.

Ao contrário de outros mosteiros femininos que iniciavam a vivência monástica com um estatuto jurídico, o mosteiro de Cós, como é popularmente conhecido, começa por ser uma simples agregação de mulheres viúvas que lavavam as vestes dos monges de Alcobaça e que, com o decorrer do tempo, evoluíram para um convento de monjas organizado.

O exterior desta igreja é bastante austero e o seu interior é barroco. Aqui evidenciam-se os vários altares de talha dourada, os revestimentos de azulejo, principalmente da sacristia, e os impressionantes caixotões de madeira que constituem o teto que cobre a nave, o coro, a sacristia e

o vestíbulo. As pinturas são da autoria do pintor Pedro Peixoto e datam do início do século XVIII. Existe, ainda, neste antigo convento um portal manuelino²².

Centro de Visitas Atlantis: no Casal da Areia, freguesia de Cós, podemos conhecer este espaço industrial e museológico, que tira partido das tradições do fabrico de vidro da zona da Marinha Grande, assim como podemos perceber a importância do fabrico do cristal.

Como o nome indica, este centro de visitas faz parte da empresa Atlantis que se consagrou como uma das mais importantes produtoras de cristal em Portugal. Fundada no ano de 1945, pertence atualmente ao Grupo Vista Alegre Atlantis que conquistou prestígio e fama pelo mundo fora. Ao visitar este espaço, podemos ficar a conhecer todo o processo produtivo nesta importante fábrica de cristal.

Parque dos Monges: em Évora de Alcobaça, o visitante é convidado a recriar o modo de vida dos monges brancos. O Parque dos Monges, através da animação turística, assume-se como um local de exposição e de participação dos visitantes em atividades que recriam o modo de viver dos monges da Ordem de Cister. Por outro lado, este complexo une a componente de animação turística a uma atitude fortemente pedagógica ao nível da educação e sensibilização ambiental. Aqui o visitante pode contar com diversas atividades, workshops e visitas guiadas.

Neste local, existe o Parque Ambiental e Zoológico, o Museu dos Doces Conventuais, o Jardim Bíblico, a Ilha dos Copistas e a Aldeia Medieval. O visitante pode ainda contar com desportos e atividades ligadas à natureza.

Na Maiorga há dois locais a destacar: a Igreja Paroquial da Maiorga e a Capela do Espírito Santo.

Igreja Paroquial da Maiorga: é dedicada a S. Lourenço e está edificada no local onde outrora existiu uma primitiva igreja dedicada a S. Vicente, mas que desapareceu na voragem dos tempos. O atual templo foi fundado pelo Cardeal D. Afonso, filho de D. Manuel I, no século XVI, porém, atualmente encontra-se descaracterizada devido às várias reconstruções de que foi alvo. Contudo, há no seu interior pormenores dignos de menção, tais como: as duas pias de água benta, que foram aproveitadas de capitéis quatrocentistas escavados em quadrilóbulos e numa

²² Cf. GOMES, Saul António, SOUSA, Cristina Maria André de Pina e - *Intimidade e Encanto: O Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Cós (Alcobaça)*. Leiria: Edições Magno, 1998.

arrecadação, uma escultura de pedra policromada do século XVI, representando Nossa Senhora do Pranto, e também umas telas de Diogo Teixeira, consagrado pintor maneirista²³.

Capela do Espírito Santo: é o resultado de uma política de reorganização do reino levada a cabo por D. Manuel I. Nesta capela, antiga Misericórdia afeta à de Alcobaça, destacamos o seu portal manuelino.

Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição: situada em Turquel e mandada construir em 1520 pelo Cardeal Infante D. Henrique, nela há a destacar o seu portal manuelino em arco abatido, sobreposto por folhas retorcidas e no fecho ostenta as armas do cardeal rei, que infelizmente se encontra em mau estado, devido aos restauros abrasivos de que foi alvo. No seu interior existem duas pias de água benta quinhentistas e uma batismal da mesma época²⁴.

2.3. O Mosteiro de Alcobaça

Visto que o Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça é o monumento mais representativo da cidade e também um dos mais emblemáticos a nível nacional, achamos importante fazer um breve esboço da sua história neste capítulo.

O Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, com cerca de sete séculos de atividade monástica e ao todo, aproximadamente, nove séculos de história para contar, passou a integrar a Lista de Património Mundial da UNESCO em dezembro de 1989. Foi na 13.^a sessão do Comité do Património Mundial que decorreu em Paris, que este monumento português foi considerado Património Mundial. O processo de candidatura deste mosteiro teve início com a proposta avançada pelo ICOMOS em abril de 1989, na qual os critérios I e IV fundamentariam a candidatura.

A história do Mosteiro de Alcobaça, que está intimamente ligada à história de Portugal, foi a base justificativa utilizada pelo ICOMOS para a proposta de candidatura deste monumento. Segundo o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios²⁵, a fundação do Mosteiro de Alcobaça está profundamente ligada com a primeira dinastia portuguesa e com a formação do nosso país. Depois de ser proclamado como rei de Portugal em 1139, Afonso Henriques (Afonso I) baseou a

²³ Cf. SILVA, Carlos Mendonça da - *Roteiro Cultural da Região de Alcobaça: a oeste da Serra dos Candeeiros...*, cit.

²⁴ Cf. SILVA, Carlos Mendonça da - *Roteiro Cultural da Região de Alcobaça: a oeste da Serra dos Candeeiros...*, cit.

²⁵ Cf. ICOMOS - *Proposta de Candidatura do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça a Património Mundial da UNESCO*. Paris: 1989. Também disponível em linha: <http://whc.unesco.org/en/list/505/documents/> [Acedido a 15 julho 2019]

sua política de reconquista nas cruzadas e nas ordens religiosas. No ano de 1152, como resultado da vitória de Santarém e como forma de agradecimento as terras de Alcobaça foram doadas aos monges cistercienses, sob a condição de que estes iriam colonizar, explorar e trabalhar as terras circundantes. Aquando da morte de S. Bernardo de Claraval, os monges brancos já estavam plenamente estabelecidos em Alcobaça o que torna a abadia desta cidade a última “descendência/filha” de Claraval em vida.

Apesar da ofensiva liderada por Al-Mansoor nos finais do século XII, o estabelecimento real em Alcobaça começava a prosperar. No século XIII, ainda a igreja da abadia de Alcobaça, identicamente disposta à abadia de Pontigny, e os extraordinários edifícios monásticos se encontravam a ser construídos, já a sua influência intelectual e política se tinha espalhado por toda a zona oeste da Península Ibérica. Neste que foi um centro de estudos e de doutrina religiosa – a mais importante escola monástica em Portugal - existia uma congregação pacífica e saudável. A autoridade do Abade de Alcobaça, um poderoso Senhor Eclesiástico, estendia-se por terras férteis em treze cidades, quatro portos e dois castelos. Mais tarde, desde o reinado de D. João I até ao reinado de D. João IV, o Abade cisterciense de Alcobaça foi nomeado, por todos estes reis, membro dos conselhos régios, donatário da coroa e Senhor protetor da fronteira.

As razões que fazem evidenciar o carácter excecional deste estabelecimento real são inúmeras: a sacristia manuelina do infante D. Afonso (nomeado abade de Alcobaça em 1505), o claustro superior de João de Castilho (um dos arquitetos do Mosteiro dos Jerónimos em Belém – incluído na lista de Património Mundial da UNESCO em 1983), a fachada e a parte principal dos aposentos barrocos de Frade João Turriano (1702) e o quarto do rei.

O símbolo maior das relações privilegiadas entre a monarquia portuguesa e os monges de Alcobaça está bem explicito nos famosos túmulos de D. Pedro I e D. Inês de Castro. Este rei mandou construir os túmulos iguais depois do trágico e dramático evento da morte de Inês de Castro, que mais tarde inspiraria Luís Vaz de Camões, Velez de Guevara e tantos outros autores e cineastas contemporâneos. Nestes túmulos, o rei conhecido como vingativo e a sua esposa, que tinha sido assassinada de forma brutal, aguardam pelo dia da ressurreição. O design do alto sarcófago que suporta os *gisants* observados pelos anjos, utilizados de forma muito frequente no século XIV, encontra aqui uma das suas formas mais bem conseguidas. A extraordinária qualidade estilística dos ornamentos esculpidos, mesmo depois dos restauros a que foram sujeitos por conta dos estragos provocados pelas invasões francesas entre 1810 e 1811, é, no entanto, suplantada pelo enorme simbolismo da iconografia que invoca o destino do ser humano, a morte e a esperança

cristã de vida eterna. Estes túmulos, construídos cerca do ano de 1360, são o sinal mais tangível da mítica tentativa de D. Pedro regenerar a sua amada Inês de Castro, brutalmente assassinada em Coimbra a mando de seu pai, Afonso IV.

Após a proposta apresentada pelo ICOMOS, as entidades reguladoras avançaram para a candidatura oficial do Mosteiro de Alcobaça a Património Mundial da UNESCO. A justificação apresentada corrobora as razões apresentadas pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios²⁶.

Na candidatura do bem em questão é apresentada uma justificação histórica que enaltece os feitos do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, com especial incidência para as atividades culturais e agrónomas. Neste ponto, iremos começar por fazer um breve esboço da intensa e relevante atividade cultural dos monges brancos de Alcobaça e de seguida abordaremos de forma breve a obra agrária da abadia cisterciense.

Segundo Maria Augusta Pablo Ferreira²⁷, o cenóbio alcobacense surgiu numa época em que o espírito de Cister ganhava cada vez maior relevância e se impunha por praticamente toda a Europa. Este mosteiro, que foi o segundo da ordem de Cister a ser construído na recente monarquia portuguesa, está intimamente relacionado com a vontade de Afonso Henriques ser reconhecido como rei pelo sumo pontífice.

Bernardo de Claraval morre em 1153, ano em que a Abadia de Alcobaça é fundada, o que a torna a última abadia “filha”, a ser criada por aquele que foi uma figura de extrema relevância para a Cristandade no século XII.

Para além do desenvolvimento agrário dos coutos, o aumento dos bens fundiários ou até mesmo a invenção de estruturas que permitissem o desenvolvimento e enriquecimento destas terras, a comunidade monástica tinha outras preocupações na ordem do dia quando se instalou na região de Alcobaça. Os monges cistercienses desde sempre se interessaram e preocuparam com a questão da educação e da cultura monástica em consonância com o ideal que seguiam.

Ainda segundo a mesma autora, de acordo com as regras cistercienses, quando há a intenção de fundar uma nova abadia da ordem, o grupo de monges escolhido para o fazer deve transportar consigo, desde a Abadia-Mãe até ao novo estabelecimento, os livros necessários para

²⁶ Cf. ICOMOS - *Proposta de Candidatura do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça...*, cit.

²⁷ Cf. FERREIRA, Maria Augusta Pablo - *A Cultura e a Arte em Ambiente Cisterciense*. Alcobaça: ABC Editores, 2011.

tal efeito. Tais como: *Missal, Regra, Livro de Usos, Saltério, Leccionário, Himmário, Colectâneo, Antifonário, Gradual*. Assim, é muito provável que os monges que se deslocaram de Claraval até Alcobaça, para ajudar na fundação da abadia, transportassem consigo os livros acima mencionados.

Foi apenas no segundo quartel do século XIII que a abadia de Alcobaça organizou o seu próprio *armarium*. Este foi composto, sobretudo, através da dependência de Claraval e transformou-se num crucial centro de circulação de manuscritos.²⁸

O Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça começou, desde cedo, a compor a sua biblioteca com obras de uma beleza e um valor excepcionais, que alguns historiadores não se cansam de evidenciar.

O *scriptorium* de Alcobaça, durante os séculos XIV e XV, produziu a maioria dos códices que precisava, ainda que, por vezes, tenha importado alguns. Neste *scriptorium* copiaram-se, traduziram-se e produziram-se obras de valor extraordinário. Alguns manuscritos produzidos neste local estão atualmente guardados na Biblioteca Nacional de Lisboa e no Arquivo Nacional da Torre do Tombo por serem portadores de um valor excepcional.

O gosto e a necessidade pelo livro é algo muito característico da vida monástica e de toda a história do Mosteiro de Alcobaça, bem como de outras abadias da mesma ordem, como por exemplo Santa Cruz de Coimbra. Esta importância atribuída aos livros explica a enorme biblioteca impressa, com cerca de 16.358 volumes à data da extinção das ordens religiosas em 1834.

A primeira parte das obras *Monarquia Lusitana* e a *Geografia da Antiga Lusitânia* de Frei Bernardo de Brito saíram da oficina da tipografia do Mosteiro de Alcobaça que começou a funcionar em finais do século XVI. A partir de Frei Bernardo de Brito, um conjunto de autores, que se começaram a designar por Historiógrafos de Alcobaça, produziram obras de enorme valor que contribuíram, em alguns casos de forma significativa, para o conhecimento da História de Portugal, bem como da Ordem de Cister. São inúmeros os autores do século XVI, XVII e XVIII que se integram nos designados e já referidos Historiógrafos de Alcobaça. A esta longa lista pertencem autores como Frei Manuel da Rocha, Frei Manuel de Figueiredo e Frei Fortunato de Boaventura, aos quais pertence uma obra vastíssima.

²⁸ FERREIRA, Maria Augusta Pablo - *A Cultura e a Arte em Ambiente Cisterciense...*, cit.

É evidente, ao longo dos tempos, a preocupação dos monges brancos de Alcobaça com a educação e a cultura. Tal reflete-se na criação do Colégio de Nossa Senhora da Conceição, em 1648, por Frei Luís de Sousa na Ala Sul do Mosteiro.

Também a agricultura foi parte importante da vida monástica cisterciense em Alcobaça e de seus coutos. Este facto acrescenta características únicas ao Mosteiro e transforma-o num monumento verdadeiramente especial e, sobretudo, ajuda a torná-lo excepcional patrimonialmente.

Citando Alexandre Herculano, “aos monges cistercienses se deveu sucessivamente a cultura de uma extensa parte da Alta Extremadura, a qual até ahi fora uma vasta solidão e por muito tempo servira de campo neutro entre christãos e sarracenos.”²⁹

Como se sabe, era absolutamente proibido aos monges estabelecerem-se em zonas urbanas ou até mesmo perto delas. Na base que sustenta a ideologia cisterciense está presente o princípio fundador de deserto, todos os mosteiros desta ordem devem ser erigidos em zonas ermas e rodeadas de matas. S. Bernardo de Claraval, reformador da ordem religiosa em causa, tentou sempre fazer perceber que a verdadeira virtude e o verdadeiro conhecimento estão no campo e não nas agitadas cidades.³⁰

Contudo, há outros autores que defendem que a zona onde se estabeleceu o Mosteiro de Alcobaça já se encontrava, pelo menos parcialmente, habitada. Nas palavras de Artur Nobre de Gusmão “julgamos, pois, que as terras do couto já conheceriam a agricultura e o povoamento, quando os monges lá se estabeleceram. É fácil supor que, em consequência da duração e violência da luta, entre Mouros e Cristãos, tivesse resultado um semi-ermamento. Atesta-o até o próprio aspeto de fortaleza, que exteriormente apresenta a Igreja da Abadia Nova. Nem por isso, contudo, fica diminuída a glória dos monges, a quem se deve, mais do que o desbravamento de novas terras chamadas à agricultura, a conscienciosa valorização e fertilização das que já eram trabalhadas.”³¹

Porém, apesar de todas as discussões em volta deste assunto, quase todos os autores são unânimes em relação à importância que os monges brancos tiveram na região de Alcobaça. Estes foram os principais impulsionadores desta zona geográfica durante cerca de setecentos anos.

²⁹ HERCULANO, Alexandre - *História de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Viúva Bertrand e Filhos, 1846-1853.

³⁰ COELHO, Amílcar, MADURO, António e RASQUILHO, Rui - *O Céu, a Pedra e a Terra: os Cistercienses em Alcobaça*. Batalha: Centro do Património da Estremadura, 2012.

³¹ Cf. GUSMÃO, Artur Nobre de - *A Real Abadia de Alcobaça*. Lisboa: Livros Horizonte, 1992.

Segundo Joaquim Vieira Natividade³², todo o seu intenso trabalho ajudou a criar prosperidade pelas terras de Alcobaça, pois, inspirados pelas suas virtudes cristãs, prestaram serviços de extrema importância à agricultura, à ciência e à povoação de Portugal. Aqui forjavam as próprias ferramentas agrícolas, em ferrarias improvisadas, faziam a moagem do pão e pastavam rebanhos em fartas pastagens.

Nesta altura, a agricultura era uma verdadeira ciência nos mosteiros cistercienses e beneditinos. Esta estava sempre presente no quotidiano dos monges e muitas vezes era entendida como sendo parte da salvação e da redenção do homem. As abadias, que se espalhavam por toda a Europa, eram verdadeiros centros de saber agrónomo onde se acumulava a ciência da época.

Alcobaça constitui, através da sólida e eficiente obra realizada pelos monges, um forte testemunho de que estes religiosos solucionavam os grandes problemas agrários com vastos conhecimentos teóricos e práticos no que à agricultura diz respeito. Este amplo saber é resultado da direta experimentação, mas também do estudo de outras civilizações, feito pelos monges eruditos, bem como do contacto com peregrinos ou monges vindos de outras abadias europeias que relatavam diversos métodos agrícolas. As peregrinações a Roma serviam igualmente para aprimorar os saberes destes religiosos, que estudavam durante as longas viagens os métodos de outros povos e, aquando do seu regresso a Alcobaça, transportavam consigo sementes novas.

Os religiosos do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça possuíam um alto nível de conhecimento da ciência agrónoma e aplicavam-na de forma bastante hábil. Este facto sobressaía, sobretudo, quando os seus coutos eram comparados com terras de ordens militares, com as honras de barões e ricos homens e até com reguengos do rei.

Tal como no campo cultural, os monges de Alcobaça procuraram, também através da agricultura, obter regalias que projetassem a prosperidade que já se começava a sentir, de forma notória, em resultado do seu intenso trabalho de transformação dos coutos. Assim, foram vários os privilégios que estas terras receberam por parte de diversos reis. D. Pedro I isentou os caseiros destes coutos de irem à guerra. Esta regalia foi, depois, confirmada por D. João I e D. Afonso V. Já D. Dinis isentou a povoação de Alcobaça de pagar a jugada e D. Afonso V dispensou-a de estar munida de armas e cavalo bem como a excluiu do reparo de fortalezas. Segundo Natividade, todos

³² NATIVIDADE, Joaquim Vieira - *Os Monges Agrónomos do Mosteiro de Alcobaça*. Alcobaça: Cooperativa Agrícola de Alcobaça, 2013.

estes privilégios são prova da íntima relação que o Mosteiro de Alcobaça e a Coroa portuguesa tinham, o que confirma mais uma vez a excecionalidade do edifício em causa.

Contudo, a agricultura e a cultura não são as únicas preocupações que os monges brancos de Alcobaça tinham. Estes impulsionaram igualmente a indústria, através da extração e do manuseamento de metais, criaram oficinas de artes diversas e aproveitaram a energia hidráulica através da construção de moinhos e lagares.

É importante entender também que a candidatura e consequente integração do Mosteiro de Alcobaça na Lista de Património Mundial da UNESCO acontece numa altura em que começa a eclodir cada vez mais uma estima e vontade de preservação de tudo o que as sociedades entendem como característica identitária.

2.4 O Museu do Vinho de Alcobaça

Com um espólio extremamente vasto e completo, o Museu do Vinho de Alcobaça, outrora denominado Museu Nacional do Vinho, é considerado o maior e, sobretudo, o mais completo museu do vinho em território nacional. Este alberga as vastas e importantíssimas coleções vitivinícolas da antiga Junta Nacional do Vinho e do atual Instituto da Vinha e do Vinho, o que lhe confere um certo protagonismo a nível nacional. Também a grande dimensão arquitetónica e colecionista deste museu o torna numa referência, quer em Portugal, quer no resto do mundo. Citando Alberto Guerreiro, o Museu do Vinho de Alcobaça é “um compósito da cultura material e imaterial do vinho português que atravessa vários conceitos de museu: museu etnográfico, museu industrial, museu histórico, museu do trabalho, museu de arte, museu da arquitetura.”³³

A génese de um Museu do Vinho em Portugal está intimamente ligada ao surgimento da Junta Nacional do Vinho. Este organismo corporativo, que é institucionalizado no ano de 1937, caminha lado a lado com as ideias de criação de um espaço museológico ligado ao vinho. De facto, estas ideias seriam, entre 1939 e 1940, alvo de uma propaganda exaustiva, que ganha forma através do periódico *Informação Vinícola*. Desta forma, a possibilidade de criação de um museu do vinho estimularia os técnicos e agrónomos portugueses que se encontravam imbuídos no espírito inovador trazido pelo *V Congresso Internacional da Vinha e do Vinho* realizado em 1938. Foi com a realização desta conferência que se definiu como prioridade a criação de rotas e museus do vinho

³³ GUERREIRO, Alberto - *Museu do Vinho de Alcobaça: Património, Economia, Desenvolvimento*. In: GUERREIRO, Alberto, MADURO, António, CUSTÓDIO, Jorge, GONÇALVES, Eduardo - *Enomemórias, Museologia e Património do Vinho (Território, Sociedade e Desenvolvimento)*. Porto: Edições ISMAI - Centro de Publicações do Instituto Universitário da Maia, 2017. pp. 145-163.

nos países com forte tradição vitivinícola, com o objetivo de chamar a atenção para a importância da preservação da memória histórica coletiva, bem como para o impacto económico e social do turismo.

Numa altura marcada pela propaganda nacional do Estado Novo (1933 – 1974), que tinha como fim último enaltecer a nação portuguesa, o património ligado ao vinho aparece como característica intrínseca do povo português. Segundo Guerreiro, talvez por esta razão não seja surpreendente que a ideia de criação de um Museu do Vinho tenha recebido apoio institucional no seio da política corporativista.

A luta efetiva a favor da concretização do Museu dá os primeiros passos através do artigo de António Batalha Reis intitulado “Porque não temos um Museu do Vinho?”. Este tem dois objetivos primordiais: acabar com as restantes dúvidas que poderiam existir em volta da realização do projeto museológico e alertar para a importância do mesmo no que ao zelo pela tradição e valores rurais diz respeito. Inicialmente o Município de Torres Vedras teria sido o escolhido para a execução do Museu.³⁴

Desta feita, a Junta Nacional do Vinho organiza uma campanha de forma a sensibilizar as populações para a importância da doação de todo o material passível de ser integrado na coleção museológica e também garante assegurar a recolha e seleção do mesmo. Determina-se, logo na fase inicial, que este seria um Museu de carácter nacional com espólio vindo de todo o país, onde estariam representadas, de igual forma, as diversas regiões vinhateiras. Também os interesses temáticos do acervo foram rapidamente definidos, destacando-se a indústria e a tecnologia representativa das diversas fases do trabalho na vinha, bem como toda a cadeia operatória de produção. A parte folclórica e artística foi igualmente tida em conta em todo o processo. Nesta fase, a ideia de concretização de um Museu do Vinho em Portugal parece mesmo ser uma realidade e por isso há um enorme empenho em executar o projeto de forma à sua inauguração coincidir com a *Exposição do Mundo Português* de 1940.³⁵

Contudo, apesar de ter existido uma boa receção por parte do público e um elevado número de doações, o frenesim em volta da ideia de concretização do Museu acaba por se dissipar devido

³⁴ Cf. MADURO, António Valério, GUERREIRO, Alberto, OLIVEIRA, Aurélio de - *O Museu do Vinho de Alcobaça e o Turismo Industrial: Potenciador Referencial e Territorial*. Ferrol: 2014. Também disponível em linha: https://dadospdf.com/download/o-museu-do-vinho-de-alcobaa-e-o-turismo-industrial-potenciador-referencial-e-territorial-_5a4b9368b7d7bcab67de8c3e_pdf

³⁵ Cf. MADURO, António Valério, GUERREIRO, Alberto, OLIVEIRA, Aurélio de - *O Museu do Vinho de Alcobaça e o Turismo Industrial: Potenciador Referencial e Territorial...*, cit.

à apatia dos decisores. Ainda assim, aqueles que queriam ver esta obra realizada não desistiram. A 13 de dezembro de 1944 a aspiração de criar um Museu do Vinho chega até à Assembleia Nacional através do deputado Rodrigues de Carvalho. Este afirma com convicção ser “do maior interesse aprovar a proposta pendente para a criação de um museu do vinho, a instalar numa das nossas regiões vinícolas”.³⁶ É desta forma que o projeto ganha novamente vida e se define então um plano museográfico e museológico. Também as vertentes temáticas são determinadas, favorecendo-se uma abordagem onde as dimensões artística e estética, etnográfica e folclórica, ganham destaque, sem nunca descurar a preocupação pedagógica e didática do acervo. Todavia, mais uma vez, a ideia do Museu volta a perder força, agora devido à conjuntura recessiva que se fazia sentir devido ao pós-guerra. Só em 1962 o projeto é revitalizado por causa das Jornadas Vitivinícolas.

Quando muitos já não acreditavam que o projeto do Museu se concretizasse, entra em cena Manuel Augusto Paixão Marques e a ele se deve o facto de hoje existir o Museu do Vinho de Alcobaça. Este engenheiro técnico agrário, em 1963, foi trabalhar para a delegação de Leiria da Junta Nacional do Vinho que, tal como as outras Juntas (Junta Nacional da Cortiça, Junta Nacional do Azeite), através do intervencionismo e protecionismo estatal, tinham por objetivo a regularização dos mercados e dos preços. Para tal, esta instituição adquiria stocks vinários consideráveis, o que levou a uma necessidade de aquisição de armazéns e adegas e também de criação de adegas cooperativas. É então que, a 26 de fevereiro de 1948, acontece a compra do lagar e adegas do Olival Fechado, que pertencia aos herdeiros de José Eduardo Raposo Magalhães. Este espaço estava localizado naquela que outrora fora a cerca de fora do Mosteiro de Alcobaça. Aqui passou a operar a Adega Cooperativa de Alcobaça e os Armazéns da Junta Nacional do Vinho.

No ano de 1968, devido à reestruturação dos armazéns, chegam de diversas regiões às instalações de Alcobaça diferentes alfaias e materiais relacionados com o vinho. É nestas circunstâncias que Paixão Marques se deixa levar pelo seu entusiasmo colecionista e interesse pela preservação patrimonial e instala o Museu do Vinho em Alcobaça. Em 1976, dá-se a desativação das adegas e dos depósitos em consequência da passagem da Adega Cooperativa para novas instalações, o que leva então ao início da organização museológica dos espaços. É em 1983 que o Museu abre portas ao público, todavia, somente com a extinção da Junta Nacional do Vinho e

³⁶ Cf. MADURO, António Valério, GUERREIRO, Alberto, OLIVEIRA, Aurélio de - *O Museu do Vinho de Alcobaça e o Turismo Industrial: Potenciador Referencial e Territorial...*, cit.

consequente criação do Instituto da Vinha e do Vinho, no ano de 1986, é inaugurado de forma oficial o Museu do Vinho de Alcobaça.

Com uma área total de 11.512 m², o conjunto arquitetónico onde hoje se encontra instalado o Museu do Vinho é composto por seis zonas funcionais (Adega dos Depósitos, Adega dos Balseiros, Armazém Novo – Casa da Caldeira, Anexos, Balões e Laboratório/Casa do Guarda). Dentro do circuito museológico estão integradas três zonas: a Adega dos Depósitos, a Adega dos Balseiros e os Anexos. No que ao espólio do Museu diz respeito, este, atualmente, conta com cerca de 10.000 peças móveis. Esta ampla e diversa coleção corresponde ao património da adega da família Raposo Magalhães, aos contributos da Junta Nacional do Vinho, às recolhas realizadas entre 1939 e 1940, aos espólios recuperados por outros armazéns da JNV e também às doações e aquisições conseguidas por Paixão Marques entre as décadas de 70 e 80 do século XX.

O acervo do Museu do Vinho de Alcobaça representa geograficamente o todo nacional onde a “riqueza patrimonial responde ao âmbito de várias coleções e a um quadro marcado pelo ecletismo concetual e disciplinar (história, etnografia, arqueologia industrial, enologia, artes decorativas e gráficas)”³⁷. Apesar de este Museu ter sido projetado numa perspetiva empírica de colecionista, o que significa a ausência de um discurso museológico estável, privilegia a informação que se centra na indústria e na tecnologia relativa aos processos usados na produção e conservação do vinho, bem como relativos à destilação. Assim, “os conteúdos organizam-se em categorias integradoras de uma cultura de trabalho (mobilizações culturais da vinha, oficinas de apoio às artes da vinificação), sem descurar os espaços de sociabilidade e festa e a dimensão artística, folclórica e lúdica que o vinho protagoniza”³⁸.

O Museu do Vinho de Alcobaça, que se encaixa na tipologia de museus de território, tem uma atmosfera especial que beneficia da excelente ligação entre contentor e conteúdos. As peças *in situ* quando perderam a sua função primária passaram a ser imprescindíveis na compreensão museológica, ganhando papéis pedagógicos e didáticos.

Entre 1999 e 2000 é levada a cabo uma tentativa de reprogramação e requalificação do Museu, porém, as dificuldades eram muitas, o que acabou por dificultar a ação. A partir dessa altura o Museu do Vinho de Alcobaça entra numa fase de declínio e retrocede bastante no que à conservação e desenvolvimento diz respeito, o que culmina no seu encerramento em 2007. Só no

³⁷ Cf. MADURO, António Valério, GUERREIRO, Alberto, OLIVEIRA, Aurélio de - *O Museu do Vinho de Alcobaça e o Turismo Industrial: Potenciador Referencial e Territorial...*, cit.

³⁸ Cf. MADURO, António Valério, GUERREIRO, Alberto, OLIVEIRA, Aurélio de - *O Museu do Vinho de Alcobaça e o Turismo Industrial: Potenciador Referencial e Territorial...*, cit.

ano de 2012, 5 anos depois, a autarquia recupera o espaço museológico e trata da sua reabertura ao público, com o apoio de uma comissão instaladora.³⁹

O discurso ideológico do museu, bem como parte da sua história, é indissociável da abadia cisterciense de Alcobaça.⁴⁰ Os primeiros monges, com altas virtudes cristãs, prestaram serviços à ciência, à agricultura e à povoação de Portugal. Estes através do seu intenso e duro trabalho criaram prosperidade pelas terras de Alcobaça.⁴¹ Tal como mandava a regra de S. Bento (*ora et labora*) os monges de Alcobaça passavam os seus dias intercalando as orações e os árduos trabalhos agrícolas. Era através da agricultura que estes ganhavam o seu sustento e foram também estes religiosos que dignificaram bastante o mister da terra. Citando Joaquim Vieira Natividade, “Pela ciência e pelo trabalho dos monges, a brenha hostil, couto de ursos, de lobos e de javardos, transformou-se em pomar ou em vinhedo, e fartas searas ondeiam a charneca desbravada”.⁴²

Pelo intenso trabalho dos monges, Alcobaça transformou-se numa das mais férteis terras de Portugal. Desta forma, podemos perceber que o trabalho realizado pelos religiosos de Alcobaça, ao longo de cerca de sete séculos, resultou numa tremenda evolução dos territórios alcobacenses no que respeita à agricultura, o que levou a um grande progresso vinícola, pois o vinho era parte importante da dieta dos monges brancos.

“O Museu do Vinho permite sustentar um discurso que supera as fronteiras do local/regional, como as do Estado Nação para abraçar as marcas vinhateiras de Cister e assim criar maior atratividade de públicos e inserir-se num mercado de procura cultural mais amplo e significativo. Pela mão do museu os visitantes podem apreciar a evolução da vitivinicultura cisterciense, as conquistas experimentais e a racionalidade da exploração alcançada nas granjas (culturas estremes, compassos e alinhamentos, orientação e solo, seleção de castas, conceito de terroir...), o sucesso na arte da fermentação, conservação e destilação”.⁴³

³⁹ Cf. GUERREIRO, Alberto - *Museu do Vinho de Alcobaça: Património, Economia, Desenvolvimento*. In: GUERREIRO, Alberto, MADURO, António, CUSTÓDIO, Jorge, GONÇALVES, Eduardo - *Enomemórias, Museologia e Património do Vinho (Território, Sociedade e Desenvolvimento)...*, cit.

⁴⁰ Cf. MADURO, António Valério, GUERREIRO, Alberto, OLIVEIRA, Aurélio de - *O Museu do Vinho de Alcobaça e o Turismo Industrial*. In: *Cadernos de Estudos Leirienses*. Leiria: Textiverso, Vol. 3, 2014. pp. 165-180.

⁴¹ Cf. NATIVIDADE, Joaquim Vieira - *Os Monges Agrónomos do Mosteiro de Alcobaça*. Alcobaça: Cooperativa Agrícola de Alcobaça, 2013.

⁴² Cf. NATIVIDADE, Joaquim Vieira - *Os Monges Agrónomos do Mosteiro de Alcobaça... cit.*

⁴³ Cf. MADURO, António Valério, GUERREIRO, Alberto, OLIVEIRA, Aurélio de - *O Museu do Vinho de Alcobaça e o Turismo Industrial*. In: *Cadernos de Estudos Leirienses*. Leiria: Textiverso, Vol. 3, 2014. pp. 165-180.

Assim, cabe ao Museu do Vinho de Alcobaça transmitir ao visitante conhecimento sobre a região, alertando sempre para a consciência histórica, social e técnica das comunidades e, por isso, só faz sentido aliar a expressão patrimonial do Museu ao território em que este está inserido.

2.5. Observações sobre a Rede de Património Cultural e Museus da Câmara Municipal de Alcobaça

O Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça é uma peça-chave para que possamos entender o município de Alcobaça e o património da região. Este monumento é a grande ferramenta para a promoção do território em que está inserido. Foi através do trabalho dos monges de Alcobaça que esta zona do país ganhou importância a nível nacional, tanto na idade média como na atualidade.

Nos últimos anos, o património tem ganhado um enorme relevo nas sociedades e por essa razão passou a fazer parte das principais preocupações políticas, científicas e sociais do nosso tempo.⁴⁴ Porém, o atual panorama museológico e patrimonial de Alcobaça poderia melhorar em vários aspetos.

Presentemente o Mosteiro de Alcobaça é o monumento que recebe mais atenção, quer turística, quer autárquica, o que por vezes resulta na criação de um contexto desfavorável para o restante património da cidade. Este monumento é constantemente referido e visto como a “porta de entrada” em Alcobaça e, por vezes, visto como o único património digno de visita. No entanto, existem outros pontos de interesse turístico/patrimonial na cidade de Alcobaça, mas que não recebem a devida atenção da autarquia e, por essa razão, deixam de ter o peso devido e passam para “segundo plano”. Veja-se o exemplo do Castelo de Alcobaça que se encontra em avançado estado de degradação desde meados do século XIX e, atualmente, é apenas um conjunto de ruínas.

Reafirmo que é um facto incontornável que o mosteiro tem uma enorme importância e um grande impacto, por razões óbvias, no nosso país e também na Europa. Este monumento é um gigantesco marco na história de Portugal e também na história da cristandade, no entanto, em minha opinião, deve ser visto e apreciado como tal e deve ser divulgado como tem sido ao longo dos anos, mas deve também servir para que a autarquia possa tirar proveito da sua grandeza e da enorme quantidade de visitantes que recebe para divulgar o restante património da cidade.

Considero que o cenário museológico alcobacense apresenta uma certa falta de organização, que se traduz numa evidente e urgente necessidade de criação de uma rede

⁴⁴ CARVALHO, Paulo e FERNANDES, João Luís J. - *Património Cultural e Paisagístico: Políticas, Intervenções e Representações*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

patrimonial viável e duradoura com bases sólidas e que dê mais apoio ao turista. Atualmente, não se pode dizer que exista uma rede deste género, interligada, estável e funcional, que articule da melhor forma o património alcobacense e, por isso, torna-se importante a criação de uma rede que permita uma interajuda e intercomunicação facilitadora entre todos os museus e o património de Alcobaça. A única plataforma que interliga todo o património de Alcobaça é o site da autarquia, que tem uma secção dedicada ao mesmo e apresenta uma lista de todos os monumentos do concelho, com uma breve descrição e algumas informações úteis. Não existe, por exemplo nas redes sociais (atualmente grandes meios de divulgação), uma página comum a todo o património ou a todos os museus de Alcobaça, o que poderia facilitar a transmissão de informação a quem vem de fora.

Com efeito, o panorama atual cria certas dificuldades ao visitante, que acaba por se sentir de certa forma desamparado quando visita Alcobaça. Na minha opinião, poderia existir, por exemplo, um site objetivamente dedicado ao património cultural, e nomeadamente aos museus, da cidade, onde todos estes pontos de interesse estivessem descritos. Poderiam incluir-se neste site diversos roteiros patrimoniais, uma lista com eventos a realizar nesses locais, figuras históricas relevantes da cidade, e também a indicação de alguns locais próximos onde o visitante pudesse pernoitar e fazer refeições.

Ressalte-se, no entanto, que a autarquia alcobacense tem vindo a mudar pouco a pouco o seu rumo e o seu discurso no que diz respeito ao património cultural municipal, talvez embalada pelo panorama atual do crescente turismo em Portugal. De facto, reconheço que tem existido um esforço para que todo o património da cidade (não só o material) seja mais divulgado e mais reconhecido a nível nacional e também internacional. São disso exemplo as apostas no património imaterial dos doces conventuais, visíveis na Mostra Internacional de Doces e Licores Conventuais no espaço do Mosteiro de Alcobaça; a realização anual do festival Cistermúsica em diversos monumentos e igrejas do concelho, que alia a divulgação da música à divulgação dos espaços patrimoniais; o investimento na realização anual da Aljubarrota Medieval na vila de Aljubarrota, onde se recria o tempo da idade média e se convida o público a mergulhar no passado.

A preocupação com a crescente degradação e desagregação do património natural e cultural edificado de Alcobaça levou à criação de instituições como a ADEPA - Associação de Defesa e Valorização do Património Cultural da Região de Alcobaça - com o objetivo de lutar pela valorização do património da cidade e dos antigos coutos cistercienses. Contudo, infelizmente, com o passar dos anos a atividade desta associação tem vindo a diminuir cada vez mais. Para além

da criação desta instituição, surgiram a nível local bastantes iniciativas museológicas, com diversas especificidades, que apesar de se irem afirmando no território são o resultado de uma realidade incompleta, quer nos requisitos funcionais, quer na concretização de objetivos programáticos do património em questão⁴⁵.

Segundo Alberto Guerreiro, alguns desses casos eram, em 2015: “Museu dos Coutos de Alcobaça (com investigação e alguma obra realizada mas por instalar); Museu do Vinho de Alcobaça (a maior e mais completa colecção vitivinícola portuguesa em contexto museológico, em funcionamento mas em fase de reprogramação e requalificação); Museu Raul da Bernarda (pequeno núcleo operacional, base mínima para o futuro museu da cerâmica por realizar); Casa-Museu Vieira Natividade (encerrada ao público, inoperacional, espólio afecto e conservado no Mosteiro de Alcobaça); colecção das Máquinas Falantes (vasta e muito completa colecção de património sonoro e audiovisual, em reserva municipal) e colecções da ADEPA⁴⁶ (da arqueologia a outros importantes acervos como os herdados do gabinete de curiosidades do século XIX de Bernardino Lopes de Oliveira ou o que resta das recolhas etnográficas de Eduíno Borges Garcia, em reserva da associação) [sic]”⁴⁷.

Apesar de todas as dificuldades, é importante destacar que o panorama museológico de Alcobaça apresenta uma considerável heterogeneidade positiva no que às tipologias e áreas de intervenção diz respeito. São elas, segundo Guerreiro⁴⁸, a Arqueologia, a Etnologia, a Arte, a Indústria, a Ciência e a Geologia. Perspetiva-se ainda, no panorama museológico alcobacense, o protagonismo de diversas entidades, quer públicas, quer privadas, no entanto, é preciso ter em consideração a difícil tarefa de conciliar políticas e objetivos entre estas duas esferas, o que não é de todo fácil. Ao mesmo tempo, alguns dos projetos museológicos alcobacenses apresentam um claro carácter autónomo a nível de gestão e programação, que poderá ser estimulado, mas deve igualmente ser avaliado com cuidado. Referimo-nos às principais iniciativas museológicas em curso, que apresentam um investimento técnico e financeiro difícil de suportar apenas por uma tutela.

Com efeito, apesar de todas as dificuldades, a autarquia hoje apresenta-se como a entidade mais fiável no que ao futuro da museologia alcobacense diz respeito, ainda que, segundo Alberto

⁴⁵ GUERREIRO, Alberto - *Museologia Alcobacense (I): Antecedentes, Pioneirismo e Anomia*. In AA.VV. - *Cadernos de Estudos Leirienses*. Leiria: Textiverso, Vol. 4, 2015. pp. 105-120.

⁴⁶ Associação de Defesa e Valorização do Património Cultural da Região de Alcobaça.

⁴⁷ Cf. GUERREIRO, Alberto - *Museologia Alcobacense (I): Antecedentes, Pioneirismo e Anomia...*, cit.

⁴⁸ Cf. GUERREIRO, Alberto - *Museologia Alcobacense (I): Antecedentes, Pioneirismo e Anomia...*, cit.

Guerreiro, “no passado tenha pautado por uma ausência assumida de realizações neste sector da atividade cultural”⁴⁹. Em primeiro lugar, porque desde cedo se percebeu que as restantes entidades públicas e privadas não se mostraram aptas a materializar ou manter no terreno as suas iniciativas museológicas. Em segundo lugar, porque a autarquia se apresenta à partida como a entidade com mais capacidade para a concertação e articulação formal de uma política patrimonial comum que una diversos parceiros e patrimónios diversificados quer temática quer especificamente. Por fim, é possível antever que a autarquia é a entidade que se encontra melhor posicionada para conduzir um processo bastante abrangente que implica acionar meios técnicos e científicos, quer humanos quer materiais, necessários para garantir o fundamental enquadramento técnico-financeiro potenciador de um incremento e desenvolvimento sustentado, e que possa também criar um ambiente de confiança que potencie a participação de possíveis investidores e parceiros no seio dos agentes económicos. Neste ponto torna-se essencial que exista uma articulação formal entre a administração central (entidade certificadora e fiscalizadora do património museológico), a administração local (entidade dinamizadora e difusora) e as populações (agentes e atores locais, primeiros usufruidores do património e como tal, primeira garantia de preservação). Uma vez que estamos perante uma museologia de cunho marcadamente social é importante um contributo colaborante no que diz respeito à participação das populações, uma vez que este tipo de formação museológica transporta consigo um nível de exigência ligada às contingências socioculturais e territoriais.⁵⁰

Posto isto, pode dizer-se que estes fatores resultam numa museologia que absorve todos os meios de desenvolvimento e todas as formas de museologia ativa, que se centra na evolução sociocultural das populações e que reflete não só na forma como evolui, mas também nos seus impulsos futuros. Uma museologia adequada às aspirações da comunidade e coadunável com as características do seu meio natural e humano.⁵¹

3. A Entidade de Acolhimento

A entidade de acolhimento deve assumir um papel preponderante nos estágios curriculares. A instituição que recebe o estudante deve ajudar na integração do mesmo e deve, sobretudo, proporcionar todas as condições necessárias para que o estágio corra da melhor forma e para que

⁴⁹ Cf. GUERREIRO, Alberto - *Museologia Alcobacense (I): Antecedentes, Pioneirismo e Anomia...*, cit.

⁵⁰ Cf. GUERREIRO, Alberto - *Museologia Alcobacense (I): Antecedentes, Pioneirismo e Anomia...*, cit.

⁵¹ Cf. GUERREIRO, Alberto - *Museologia Alcobacense (I): Antecedentes, Pioneirismo e Anomia...*, cit.

o estudante tire o maior proveito possível da pequena experiência profissional que o estágio representa. Esta deve ser a função da entidade de acolhimento.

Para garantir que tal acontece e para certificar-se de que existem todas as condições necessárias, a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra assina protocolos com diversas entidades. Estes são de alguma forma uma garantia para o estudante de que tudo irá correr dentro da normalidade.

Efetivamente, quando iniciei o meu estágio curricular, senti uma certa segurança por saber que tudo correria dentro da normalidade e da melhor forma. No essencial, a entidade de acolhimento cumpriu o seu papel, porém, de certa forma, em alguns aspetos ficou um pouco aquém do que era esperado.

Quando cheguei ao museu, senti de imediato uma enorme empatia pelos colaboradores que me tinham sido apresentados e percebi que essa empatia tinha sido mútua. Desde o primeiro dia, notei um grande esforço, por parte de todos aqueles que trabalhavam no MVA, para que me sentisse integrada. Assim, posso afirmar que sempre me senti bem nas instalações do museu e sempre houve uma enorme afinidade entre mim e todas as pessoas, incluindo o Dr. Alberto Guerreiro.

O meu orientador da entidade de acolhimento, Dr. Alberto Guerreiro, logo no primeiro encontro que tivemos, no dia 10 de setembro, tentou pôr-me a par de tudo o que se iria passar durante o meu estágio e de todas as atividades em que eu poderia participar, assim como me apresentou o museu de forma a deixar-me à vontade em relação ao espaço e às pessoas com quem iria lidar durante o estágio. Ao longo dos seis meses em que estive no museu, tentou sempre que fossem fornecidas todas as condições necessárias para o meu trabalho. Esforçou-se sempre para me envolver nas atividades que ele próprio estava a desenvolver, quer no MVA, quer em outros locais (como por exemplo a exposição temporária no Mosteiro de Alcobaça), de forma a transmitir-me vários conhecimentos que achava serem importantes para a minha formação. Contudo, por vezes, em algumas situações, penso que poderia ter estado um pouco mais presente e que poderia ter-me transmitido mais alguns conhecimentos, provavelmente não o fez por falta de tempo, pois tenho consciência de que tinha uma agenda bastante preenchida.

Quanto à entidade de acolhimento, a Câmara Municipal de Alcobaça, em alguns aspetos poderia ter sido mais cuidadosa, por vezes parecia que não estava preparada da melhor forma para me receber como estagiária. Um exemplo claro dessa falta de preparação é o facto de eu não ter

tido acesso à internet durante praticamente todo o estágio, o que era essencial para o desenvolvimento de um dos pontos do meu plano de estágio, o inventário. O Museu do Vinho de Alcobaça tinha para mim o espaço e tudo o que era necessário para o meu estágio, inclusive, segundo o Dr. Alberto, teria sido pedido para mim um computador para que pudesse trabalhar, mas este por ser fixo precisava de um equipamento específico para aceder à internet. Mesmo após o Dr. Alberto ter pedido a um funcionário do gabinete de informática da CMA a pen que era necessária para conseguir aceder à web, esta nunca chegou a ser entregue. Durante os seis meses que permaneci no MVA, tive que utilizar o meu computador pessoal para trabalhar, pois através do mesmo conseguia ter acesso à internet do museu por ser um computador portátil.

Apenas quando já só faltavam duas semanas para terminar o estágio, a Câmara Municipal cedeu um computador portátil (com acesso à internet) ao meu orientador da E.A. que depois me o entregaria para que eu pudesse realizar a parte do meu plano de estágio que faltava fazer - o inventário. Assim, penso que neste aspeto em particular a entidade de acolhimento de certa forma não estava bem preparada para me receber.

Aquando da realização da minha avaliação por parte do meu orientador da entidade de acolhimento, Dr. Alberto Guerreiro, este não sabia de que forma os documentos com a minha avaliação chegariam até ao gabinete de estágios da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e por isso foi necessário que eu contactasse, via email, o meu orientador da FLUC, Professor Doutor João Paulo Avelãs Nunes, para que este me esclarecesse estas dúvidas. Isto deixa transparecer que a entidade de acolhimento tem pouco conhecimento sobre quais os passos a tomar num estágio curricular.

Por vezes senti que estava a ser feito um esforço para que tudo corresse da melhor forma, porém, outras vezes senti que o estágio não estava a caminhar na direção que deveria por conta da falta de disposição da entidade de acolhimento.

Durante o estágio, principalmente durante as primeiras semanas, senti alguma pressão para fazer atividades que iam ao encontro das necessidades do museu. Por exemplo, logo na primeira reunião com o Dr. Alberto, este informou-me de que a minha principal tarefa seria a realização do inventário do MVA, que segundo o mesmo é algo que está em falta no museu. Além disso, nos primeiros dias que estive no museu foi-me entregue o guião para que o estudasse, para que futuramente realizasse visitas guiadas. Mesmo após a reunião com o meu orientador da FLUC, professor Doutor João Paulo Avelãs Nunes, durante a qual ficou delineado o meu plano de estágio que não incluía visitas guiadas, continuei a notar que existia alguma vontade para que assistisse e

realizasse visitas guiadas. Talvez esta vontade para que realizasse essas visitas estivesse relacionada com a falta de colaboradores do museu. Notei ainda, nas primeiras semanas, que era vontade do meu orientador da entidade de acolhimento que o estágio fosse também ao fim de semana, pois, como referi acima, existia falta de colaboradores no museu, o que tornava as escalas de fim de semana algo complicadas.

Posto isto, penso que futuramente a Câmara Municipal de Alcobaça deve preparar de outra forma os estágios curriculares que aceita. Deve previamente verificar se tem todas as condições necessárias para receber os estagiários para assim garantir que estes efetivamente tiram o melhor proveito da experiência. E deve preocupar-se não apenas com as suas necessidades, mas também ter em conta as necessidades do estagiário. Na minha opinião, deve existir um equilíbrio entre ambas as partes, pois os estágios devem ser proveitosos quer para a instituição, quer para o estagiário.

Penso que o saldo final do meu estágio acaba por ser positivo, pois, apesar do que referi nos parágrafos acima, a experiência acabou por ser enriquecedora. Este foi o meu primeiro contacto com o mundo do trabalho na minha área de formação e por isso acabei por adquirir diversos conhecimentos que penso que me serão úteis futuramente. Ressalvo que esta é apenas uma apreciação construtiva e não é, de forma alguma, uma crítica pejorativa.

4. Atividade Desenvolvida

Aquando da reunião com ambos os orientadores, o professor Doutor João Paulo Avelãs Nunes e o Dr. Alberto Guerreiro, ficaram traçados os pontos de desenvolvimento do meu estágio, sendo que um deles era a realização de uma atividade desenvolvida por mim no Museu do Vinho de Alcobaça.

Depois de pedir opinião ao meu orientador da entidade de acolhimento, ficou decidido que iria realizar um levantamento da coleção de Baco existente no museu e criar um documento escrito onde abordaria alguns mitos e lendas do deus romano. O levantamento iria consistir numa lista com todo o espólio relacionado com Baco. Para tal, teria de elaborar uma tabela em Excel com vários parâmetros (fornecidos pelo Dr. Alberto Guerreiro), que diziam respeito a certas informações específicas sobre cada peça.

Desta forma, passei algumas semanas a rever todo o espólio do museu (quer exposto, quer em reserva) em busca de peças que estivessem relacionadas com o deus romano do vinho.

Encontrei vinte e uma peças que, de alguma forma, tinham referências a Baco e listei-as de forma a fazer um pequeno inventário com as seguintes informações:

1. Nome do objeto;
2. Categoria;
3. Título;
4. Autor;
5. Material/técnica;
6. Proveniência;
7. Estado de conservação;
8. Localização no museu;
9. Referências;
10. Data;
11. Descrição;
12. Medidas;
13. Produção e origem;
14. Função;
15. Observações;
16. Marcas.

Sendo que a maioria do espólio do MVA é industrial, com inúmeras máquinas utilizadas na produção de vinho e sem qualquer referência mitológica, pode dizer-se que o que demorou mais tempo a pesquisar foi o grande número de rótulos de garrafas que estão expostas e também a coleção de cerâmica que estava em reserva. Esta coleção era composta por um grande número de peças que estavam empacotadas e, por isso, esta foi a parte mais morosa da pesquisa de espólio relacionado com o deus romano do vinho.

Depois de selecionadas todas as peças (no total 21), fiz uma análise das mesmas. Observei todos os pormenores cuidadosamente para que pudesse preencher todos os campos da melhor forma. Alguns parâmetros não foram preenchidos por falta de informação, sendo que sempre que me surgia alguma dúvida dirigia-me ao Dr. Alberto para que ele a esclarecesse. Depois de realizar o primeiro esboço da tabela, mostrei ao meu orientador, que corrigiu o que achou necessário. Enquanto estive ocupada com o preenchimento do documento em Excel, fui sempre mostrando ao Dr. Alberto e este foi sempre emendando o necessário.

Como já foi referido neste capítulo, para além do documento em Excel, elaborei um pequeno esboço sobre alguns mitos e lendas de Baco (v. ponto 4.1. deste trabalho). Para a redação do texto, usei diversa bibliografia e alguns documentos em linha (pois foi bastante difícil encontrar livros que abordassem Baco, visto que a maioria eram sobre Dioniso, seu correspondente grego), sendo que a principal fonte de informação que utilizei foi o livro de Maria Lamas, *Mitologia Geral* Vol. I.

O documento em Excel que realizei na sequência do estudo sobre Baco serviu também de base para a realização do inventário no programa *In Patrimonium*. Como faltavam apenas duas semanas para o fim do meu estágio, quando tive oportunidade de começar a fazer o inventário do museu, o meu orientador da entidade de acolhimento aconselhou-me a começar com o espólio selecionado para o levantamento da coleção do deus romano do vinho. Assim, o único inventário que fiz no programa da «Sistemas do Futuro» foi com as peças que identifiquei para o trabalho sobre Baco.

4.1 Baco (Deus Romano do Vinho)

A mitologia romana, comumente designada por greco-romana, corresponde a uma síntese de elementos de diversas proveniências, tais como: etruscas, albanas, sabinas, sírias, persas, egípcias e, sobretudo, gregas. Estes estrangeirismos divinos são uma consequência direta das conquistas territoriais efetuadas ao longo da construção do enorme Império Romano, pois, à medida que os romanos conquistavam territórios, iam agregando as mais variadas divindades pertencentes aos povos vencidos, o que confere à mitologia romana uma enorme diversidade. Contudo, esta também apresenta muitas características próprias de cariz verdadeiramente romano, apesar de não serem suficientes para no seu conjunto oferecerem um carácter exclusivamente nacional à mitologia romana.⁵²

Tal como o povo romano, a sua mitologia tem um cariz muito prático. Os romanos viam os deuses como figuras protetoras e em troca de favores recebidos prestavam-lhes culto, porém não os amavam. Na verdade, os romanos não adoravam deuses, mas sim poderes. Citando Maria Lamas, pode dizer-se que “as divindades itálicas dividiam-se em duas grandes classes de

⁵² Cf. LAMAS, Maria – *Mitologia Geral*. Lisboa: 4ª edição, Editorial Estampa, Lda, Vol.1, 2000.

categorias equivalentes: as que velavam pelo Estado e as que protegiam a Família, como célula do Estado”.⁵³

Baco, deus romano do vinho, era filho de Júpiter e de Sémele que por sua vez era filha de Cadmo e Harmonia. Juno, esposa de Júpiter, ao descobrir que a amante do seu marido estava grávida, encheu-se de ciúmes e persuadiu Sémele a pedir a Júpiter que se mostrasse com todo o seu esplendor. Atendendo ao desejo da sua amante, o deus mostrou-se na sua verdadeira forma divina, o que culminou na morte da filha de Harmonia. Consequentemente, para salvar o seu filho, Júpiter recolheu-o, ainda sem forma, e coseu-o na sua coxa onde este acabou a sua gestação. Aquando do seu nascimento, a criança foi entregue a Mercúrio para que este a pusesse à guarda das ninfas de Nisa, que se iriam responsabilizar por ele. Baco foi instruído por Sileno e pelas ninfas e desde cedo aprendeu os misteres da terra por ter crescido rodeado de natureza selvagem.⁵⁴

Ao atingir a idade adulta, Baco descobriu a vinha e a arte de fazer o vinho. Porém, Juno constantemente em perseguição do deus do vinho acabou por torná-lo louco e este, devido à sua insanidade, deambulou pelo mundo até que Cibele o purificou e fez com que a sua razão voltasse. Assim, Baco conseguiu viajar por todo o mundo ensinando os homens a recolher o mel e a plantar a vinha, o que fez com que fosse adorado como Deus do vinho por toda a parte.

Numa das suas viagens, Baco passou pela ilha de Naxos na Grécia, onde encontrou Ariadne, filha do rei de Creta, Minos. Esta princesa tinha sido abandonada por Teseu e por isso o deus do vinho consolou-a, apaixonando-se por ela. Baco ofereceu a Ariadne uma coroa de ouro produzida por Vulcano tomando-a, assim, como sua esposa e levou-a consigo para o Olimpo.

Baco teve uma enorme influência no que às artes diz respeito. Segundo a obra de Maria Lamas, foi ele quem criou a primeira escola de música e as primeiras representações teatrais foram realizadas em sua honra. Desta forma, o deus do vinho exerceu grande influência no desenvolvimento da religião romana, da poesia lírica e das artes. O culto a Baco deu ainda origem a inúmeros géneros literários, como por exemplo as poesias órficas, os ditirambos e também peças de teatro dramáticas, trágicas, satíricas e de comédia.⁵⁵

⁵³ Cf. LAMAS, Maria – *Mitologia Geral...*, *cit.*

⁵⁴ Informação disponível em linha: <http://mitobook.blogspot.com/2011/04/dionisio-ou-baco-deus-menor.html> [Acedido a 11 fevereiro 2019]

⁵⁵ Informação disponível em linha: <http://mitobook.blogspot.com/2011/04/dionisio-ou-baco-deus-menor.html> [Acedido a 11 fevereiro 2019]

O deus do vinho é habitualmente retratado como um jovem risonho a segurar um cacho de uvas e um bastão com folhas e fitas e a usar um manto de cor púrpura. A mocidade de Baco é eterna e a sua divindade está ligada ao misticismo religioso, ao êxtase e à embriaguez. A esta divindade estão associadas inúmeras lendas que envolvem Júpiter, Febo e Ceres e nas suas aventuras era sempre seguido por um animado cortejo onde estavam representadas as divindades Pã, Priapo e Sileno, bem como as suas sacerdotisas conhecidas como bacantes.⁵⁶

Baco percorreu pela primeira vez a Ática acompanhado por Ceres, durante o reinado de Padião, rei de Atenas. Aquando da sua chegada, Baco visitou a casa de Icário, um ateniense que o recebeu de uma forma muito calorosa. Como forma de recompensa pela sua hospitalidade, Baco ensinou-lhe a arte de fazer vinho. Icário, então, fez vinho e deu-o a provar aos camponeses das redondezas e estes deliciaram-se com o licor, porém, ao ficarem embriagados, pensaram que tinham sido envenenados e por isso mataram Icário, atirando-o a um poço. Este tinha uma filha, Erígone, que foi desposada por Baco. O deus do vinho apaixonou-se por ela e, com o objetivo de a tomar como sua esposa, metamorfoseou-se de cachos de uvas, ao aperceber-se da situação Erígone apressou-se a colhê-lo e a comê-lo.⁵⁷

É importante ressaltar a ligação de Baco com a terra e com as sensações corporais. O deus romano do vinho é, normalmente, associado a um frenesim selvagem, pois esta foi a forma que a mitologia romana encontrou para lembrar ao Homem que este é apenas um ser mortal e que o vinho é a sua ligação direta com a terra. Esta divindade é retratada como o deus da sensação corporal, bem como da mente irracional, visto que na mitologia romana sentir o corpo é uma forte filosofia de Baco e do seu culto. Assim sendo, é através da degustação do vinho que se mantém vivo o culto a Baco, pois é através deste licor que ampliamos as sensações corporais.⁵⁸

Ao longo de toda a História, o vinho foi encarado como o licor supremo que assumiu uma extrema importância na vida do Homem. Desta forma, tentou-se desde cedo encontrar uma explicação para a criação desta bebida que transformava o comportamento de quem a consumia. Assim, muitas vezes a religião, quer politeísta, quer monoteísta (com exceção da religião

⁵⁶ Informação disponível em linha: <http://mitobook.blogspot.com/2011/04/dionisio-ou-baco-deus-menor.html> [Acedido a 11 fevereiro 2019]

⁵⁷ Informação disponível em linha: <http://mitobook.blogspot.com/2011/04/dionisio-ou-baco-deus-menor.html> [Acedido a 11 fevereiro 2019]

⁵⁸ Informação disponível em linha: <http://blog.vinumday.com.br/culto-baco-deus-romano-vinho/> [Acedido a 17 janeiro 2019]

muçulmana), foi parte da explicação encontrada para justificar o aparecimento deste licor apreciado por todos os cantos do mundo.

Sempre que se pretende falar de vinho a mitologia greco-romana é, ainda hoje, compulsivamente utilizada. Dioniso e Baco foram retratados com frequência, desde a Antiguidade Clássica até à atualidade, pelos mais diversos artistas, quer na Literatura, nas inúmeras correntes artísticas, na olaria, nas artes manuais, etc.

Inicialmente, o culto de Dioniso foi proibido nos territórios gregos pelos romanos, aquando da sua conquista. Todavia, esta interdição foi caindo à medida que os conquistadores começavam a compreender a cultura dos conquistados.⁵⁹ Baco assumiu para os romanos as funções que Dioniso tinha para os gregos, bem como as de Liber, protetor dos campos e do gado. Devido ao seu carácter libertino, Baco teve grande popularidade entre o povo romano. Este representava a alegria da vida e teve uma importância significativa na literatura e nas expressões artísticas.⁶⁰

Os festejos em honra de Baco eram denominados por bacanaís e tinham uma enorme aceitação e importância entre o povo romano. Estas festas eram caracterizadas pela enorme euforia da população, que saía à rua para dançar e comemorar. Na origem destas celebrações está o ciclo anual da videira e a fabricação do vinho. Assim, logo que começava o tempo da vindima, quando se consagrava o mosto e sempre que se abriam os recipientes com os primeiros vinhos, aconteciam estes festejos em honra do deus do vinho.⁶¹

O vinho e a vinha desde sempre serviram de inspiração aos mais diversos artistas e, aliadas a essa tradição artística, as representações de Baco e do seu séquito são inúmeras, uma vez que esta divindade representa a alegria trazida pelo vinho e permite reviver o passado clássico tão apreciado pelo Homem, mesmo nos dias de hoje. A mitologia romana aparece, assim, intercalada com cenas de vindima nas representações de artistas espanhóis, flamengos, italianos ou franceses, desde o renascentista Jan van Scorel até ao artista contemporâneo Pablo Picasso.⁶² É de frisar que o fascínio dos artistas pela mitologia clássica começou sobretudo com o Renascimento, durante o

⁵⁹ Cf. INÁCIO, Ana Isabel – *O Enoturismo em Portugal: da "Cultura" do Vinho ao Vinho como Cultura: a Oferta Enoturística Nacional e as suas Implicações no Desenvolvimento Local e Regional*. Lisboa: 2008. Também disponível em linha: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/550> [Acedido a 11 fevereiro 2019]

⁶⁰ *Guia do Museo Vivanco de la Cultura del Vino*. La Rioja: 2015.

⁶¹ *Guia do Museo Vivanco de la Cultura del Vino... cit.*

⁶² *Guia do Museo Vivanco de la Cultura del Vino... cit.*

qual o mito clássico foi muito popularizado e daí resultou um alargamento do mercado de pinturas, estátuas e frisos com representações de Baco, Pã e outros deuses romanos.⁶³

O caso português não foi diferente do resto do mundo e são muitas as representações de Baco nas correntes artísticas. O caso mais marcante da presença do deus do vinho na literatura portuguesa é o papel de extrema relevância que esta divindade assume n' *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões. A mitologia greco-romana faz parte da linguagem poética do século XVI e, por isso, na sequência narrativa da viagem dos Portugueses retratada n' *Os Lusíadas*, Vénus e Baco são a força motriz que determina o progresso dos acontecimentos. Estas divindades são os verdadeiros dinamizadores de toda a ação que gera o interesse narrativo desta obra literária. Baco, que luta contra o sucesso dos Portugueses para evitar o esquecimento e a desonra, torna-se essencial na história contada por Camões e acaba por valorizar ainda mais os feitos do povo lusitano, pois as adversidades causadas pelo deus do vinho acrescentam um valor significativo às conquistas portuguesas. Por outro lado, Baco é também muito importante nesta obra porque representa o outro lado da moeda, ou seja, a visão que os povos conquistados tinham dos portugueses. Desta forma, esta divindade age como protetor das terras que estão a ser conquistadas, ou seja, protetor dos povos invadidos.⁶⁴

⁶³ HALE, John Rigby – *A Civilização Europeia do Renascimento*. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

⁶⁴ FERREIRA, António Manuel - *Duas personagens de “Os Lusíadas”: Vénus e Baco*. Aveiro: s/d.. Também disponível em linha: <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/Duaspersonagens.pdf> [Acedido a 5 de janeiro 2019]

Conclusão

Tal como disse no início deste trabalho, o relatório que aqui apresento é o resultado de um estágio curricular de seis meses no Museu do Vinho de Alcobaça, através do qual me foi possível aprofundar e adquirir novos conhecimentos. Durante este período, que constituiu a minha única experiência profissional no mundo da museologia, consegui aperceber-me melhor de que forma funciona um museu municipal, de como é gerido e também de como é levada a cabo a organização de exposições temporárias e outros eventos culturais. Este semestre foi bastante enriquecedor, pois consegui aprofundar conhecimentos teóricos e, através da prática, adquirir novas competências.

Alcobaça tem um imenso potencial no que toca ao património cultural, porém, nem sempre é aproveitado da melhor forma. O Mosteiro de Santa Maria é a peça mais importante do panorama cultural da cidade, mas está longe de ser a única. A longa ocupação/estadia dos monges deixou até aos dias de hoje os mais diversos tipos de património que se encontra espalhado por todo o território que fazia parte dos seus coutos. Para além dos bens deixados pelos monges, existe ainda património ligado à cerâmica, ao cristal, ao vinho e a figuras sonantes de Alcobaça. A cidade é rica em património, mas o investimento feito pela autarquia nestes bens culturais fica aquém do que se esperaria de uma cidade com um património mundial da UNESCO.

O Museu do Vinho de Alcobaça começou a ser pensado por Paixão Marques, engenheiro técnico agrário, que foi trabalhar para a delegação de Leiria da Junta Nacional do Vinho, mas que tinha uma veia de colecionista inegável. Em 1968, houve uma reestruturação dos armazéns de várias regiões, o que fez com que chegassem a Alcobaça, vindas de todo o país, inúmeras alfaias e materiais relacionados com o trabalho da vinha. É então que o engenheiro começa a organização museológica e instala o Museu do Vinho em Alcobaça, após o encerramento da adega em 1976. Este espaço abre as portas ao público no ano de 1983, mas apenas é inaugurado três anos depois. Em 2007, o museu fecha e só reabre em 2012, ano em que autarquia decide recuperar o espaço.

Este museu assume uma característica muito especial: o facto de ser um espaço museológico local, mas ao mesmo tempo nacional. Local, porque conta a história de todo o seu espaço envolvente, do edifício e de como foi adquirido e explorado por Paixão Marques, e nacional, porque conta com um espólio muito diversificado vindo das mais diversas regiões vinícolas do nosso país. Desta forma, o Museu do Vinho de Alcobaça consegue chegar a muitos públicos diferentes, uma vez que o seu espólio não é apenas representativo da região onde se insere.

O trabalho que realizei enquanto estive a estagiar foi de extrema importância para o meu futuro profissional. Durante estes meses tive a oportunidade de colaborar na realização de várias exposições e de participar num colóquio, bem como nas diversas tarefas do dia-a-dia de um museu. Todas as tarefas realizadas foram gratificantes e muito enriquecedoras.

Após o término do meu estágio e ao realizar este relatório vejo cumpridos os objetivos iniciais a que me propus, quer a nível profissional, quer a nível pessoal.

Bibliografia

ANTÓNIO, Jorge - *Intervenção Arqueológica no Castelo de Alcobaça: Campanhas de 2002-2004*. Almada: 2006.

CARVALHO, Paulo e FERNANDES, João Luís J. - *Património Cultural e Paisagístico: Políticas, Intervenções e Representações*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

COELHO, Amílcar, MADURO, António e RASQUILHO, Rui - *O Céu, a Pedra e a Terra: os Cistercienses em Alcobaça*. Batalha: Centro do Património da Estremadura, 2012.

FERREIRA, Maria Augusta Pablo - *A Cultura e a Arte em Ambiente Cisterciense*. Alcobaça: ABC Editores, 2011.

FERREIRA, António Manuel - *Duas Personagens de “Os Lusíadas”: Vénus e Baco*. Aveiro: s/d. Também disponível em linha: <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/Duaspersonagens.pdf> [Acedido a 5 de janeiro 2019]

GOMES, Saul António, SOUSA, Cristina Maria André de Pina e - *Intimidade e Encanto: O Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Cós (Alcobaça)*. Leiria: Edições Magno, 1998.

GUERREIRO, Alberto - *Museologia Alcobacense (I): Antecedentes, Pioneirismo e Anomia*. In: *Cadernos de Estudos Leirienses*. Leiria: Textiverso, Vol. 4, 2015. pp. 105-120.

GUERREIRO, Alberto - *Museu do Vinho de Alcobaça: Património, Economia, Desenvolvimento*. In: GUERREIRO, Alberto, MADURO, António, CUSTÓDIO, Jorge, GONÇALVES, Eduardo - *Enomemórias, Museologia e Património do Vinho (Território, Sociedade e Desenvolvimento)*. Porto: Edições ISMAI - Centro de Publicações do Instituto Universitário da Maia, 2017. pp. 145-163.

Guia do Museo Vivanco de la Cultura del Vino. La Rioja, 2015.

GUSMÃO, Artur Nobre de - *A Real Abadia de Alcobaça*. Lisboa: Livros Horizonte, 1992.

HALE, John Rigby – *A Civilização Europeia do Renascimento*. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

HERCULANO, Alexandre - *História de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Viúva Bertrand e Filhos, 1846-1853.

ICOMOS - *Proposta de Candidatura do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça a Património Mundial da UNESCO*. Paris: 1989. Também disponível em linha: <http://whc.unesco.org/en/list/505/documents/> [Acedido a 15 julho 2019]

INÁCIO, Ana Isabel – *O Enoturismo em Portugal: da "Cultura" do Vinho ao Vinho como Cultura: a Oferta Enoturística Nacional e as suas Implicações no Desenvolvimento Local e Regional*. Lisboa: 2008. Também disponível em linha: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/550> [Acedido a 11 fevereiro 2019]

LAMAS, Maria – *Mitologia Geral*. Lisboa: 4ª edição, Editorial Estampa, Lda, Vol.1, 2000.

MADURO, António Valério, GUERREIRO, Alberto, OLIVEIRA, Aurélio de - *O Museu do Vinho de Alcobaça e o turismo industrial*. In: *Cadernos de Estudos Leirienses*. Leiria: Textiverso, Vol. 3, 2014. pp. 165-180.

MADURO, António Valério, GUERREIRO, Alberto, OLIVEIRA, Aurélio de - *O Museu do Vinho de Alcobaça e o Turismo Industrial: Potenciador Referencial e Territorial*. Ferrol: 2014. Também disponível em linha: https://dadospdf.com/download/o-museu-do-vinho-de-alcobaa-e-o-turismo-industrial-potenciador-referencial-e-territorial-_5a4b9368b7d7bcab67de8c3e_.pdf [Acedido a 17 janeiro 2019]

MARTINHO, Ana Margarida - *Manuel Vieira Natividade (1860-1918) do Mosteiro aos Coutos de Alcobaça: Um Périplo pela Salvaguarda do Património Cultural*. Lisboa: SINAPIS Editores, 2015.

MARVÃO, Susana (coord.) – *Alcobaça*. Alcobaça: Câmara Municipal de Alcobaça, 1998.

NATIVIDADE, Joaquim Vieira - *Os Monges Agrónomos do Mosteiro de Alcobaça*. Alcobaça: Cooperativa Agrícola de Alcobaça, 2013.

NATIVIDADE, M. Vieira - *O Mosteiro de Alcobaça: Notas Históricas*. Coimbra: Imprensa Progresso, 1885.

SILVA, Carlos Mendonça da - *Roteiro Cultural da Região de Alcobaça: a Oeste da Serra dos Candeeiros*. Alcobaça: Câmara Municipal de Alcobaça, 2001.

Webgrafia

- <http://blog.vinumday.com.br/culto-baco-deus-romano-vinho/> [Acedido a 17 janeiro 2019]
- https://dadospdf.com/download/o-museu-do-vinho-de-alcobaa-e-o-turismo-industrial-potenciador-referencial-e-territorial-_5a4b9368b7d7bcab67de8c3e_.pdf [Acedido a 17 janeiro 2019]
- http://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/conv_prot_bens_culturais_conflito_armado.pdf [Acedido em julho de 2019].
- <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf> [Acedido a 15 julho 2019]
- <http://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/> [Acedido a 15 julho 2019]
- <http://mitobook.blogspot.com/2011/04/dionisio-ou-baco-deus-menor.html> [Acedido a 11 fevereiro 2019]
- <http://porcaminhosdecister.blogspot.com/2010/02/turquel-monumentos-visitar.html> [Acedido a 15 janeiro]
- <https://pt.goalcobaca.com/2015/09/02/patrimonio-religioso-de-alcobaca/> [Acedido a 15 julho 2019]
- [https://pt.wikipedia.org/wiki/Alcobaca_\(Portugal\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alcobaca_(Portugal)) [Acedido a 20 fevereiro 2019]
- <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/550> [Acedido a 11 fevereiro 2019]
- <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf> [Acedido em julho de 2019].
- <http://whc.unesco.org/en/list/505/documents/> [Acedido a 15 julho 2019]
- <https://www.cm-alcobaca.pt/pt/Default.aspx> [Acedido a 20 fevereiro 2019]
- <https://www.facebook.com/municipioalcobaca/photos/a.180120852070484/1950935214989030/?type=3&theater> [Acedido a 15 julho 2019]
- <https://www.facebook.com/notes/museu-do-vinho-de-alcobaca/200-anos-do-nascimento-de-karl-marx-assinalados-em-exposiçao-no-museu-do-vinho-d/2558402404177512/> [Acedido a 15 julho 2019]

https://www.facebook.com/notes/museu-do-vinho-de-alcobaça/museu-do-vinho-de-alcobaça-estreia-duas-exposições-a-15-de-setembro/2405723059445448/?fref=mentions&__tn__=K-R [Acedido a 15 julho 2019]

<https://www.facebook.com/notes/museu-do-vinho-de-alcobaça/museu-do-vinho-de-alcobaça-exibe-trabalhos-finais-de-alunos-do-cencal/2558406487510437/> [Acedido a 15 julho 2019]

<https://www.icomos.org/en/support-us/179-articles-en-francais/ressources/charters-and-standards/192-the-deschambault-charter> [Acedido em julho de 2019].

http://www.mosteiroalcobaca.gov.pt/pt/index.php?s=white&pid=253&identificador=at36_pt.doc [Acedido a 20 fevereiro 2019]

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>

<http://www2.dlc.ua.pt/classicos/Duaspersonagens.pdf> [Acedido a 5 janeiro 2019]

ANEXOS

I. Tabela relativa ao estudo da coleção de Baco

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q
	Entrada	Objeto	Categoria	Título	Autor	Material e Técnica (?)	Proveniência	Estado de Conservação	Localização no Museu	Referências	Data	Descrição	Medidas	Produção e Origem	Função	Observações	Marcas
1	1	Pintura	Artes plásticas	Baco (Tinto)	Fernando Veríssimo	Acrílico/Mista - S/Tela	Compra	Bom	Adega dos Depósitos	-	2016	Quadro de Baco em acrílico.	Altura: 120cm Largura: 120cm	Santarém	Decorativa		
2	2	Cerâmica	Artes decorativas	Sem título	Mário Tanqueiro	Cerâmica vidrada	Doação	Bom	Adega dos Depósitos	M.Tanqueiro 88	1988	Pintura de Baco em azulejo vidrado com moldura em madeira.	Altura: 50cm Largura: 34,5cm	Alcobaça	Decorativa		
3	3	Cerâmica	Artes decorativas	Sem título	Autor desconhecido	Cerâmica branca	Doação	Bom	Espólio em reserva	Associação Portuguesa de Enologia	S/data	Busto de Baco em cerâmica branca com cachos de uvas e referência à Associação Portuguesa de Enologia.	Altura: 27cm Diâmetro: 51cm Profundidade: 16cm Profundidade base: 9cm Largura base: 17cm	Informação desconhecida	Decorativa/Representativa		
4	4	Escultura de madeira	Artes decorativas	Sem título	Melquiades Carvalho	Madeira	Informação desconhecida	Bom	Espólio em reserva	-	S/data	Escultura de madeira em formato de folhas de árvore com o rosto de Baco, um cacho de uvas e uma figura feminina.	Altura: 35,5cm Largura: 41,5cm Profundidade: 7cm	Informação desconhecida	Decorativa		
5	5	Reprodução gráfica de <i>Os Bêbados ou o Triunfo de Baco</i>	Artes gráficas	<i>Os Bêbados ou o Triunfo de Baco</i>	Diego Velázquez	Reprodução gráfica	Informação desconhecida	Regular	Corredor/Cantininho da Arte	-	Original 1629	Reprodução gráfica em miniatura do quadro <i>Os Bêbados ou o Triunfo de Baco</i> de Diego Velázquez. O original, produzido em 1629, encontra-se em Madrid no Museu do Prado.	Altura: 29,5cm Largura: 38,5cm	Informação desconhecida	Decorativa		
6	6	Pintura	Artes Plásticas	AMARE - Deus Dionis	Maria de Fátima Silva	Acrílico S/Tela	Doação	Muito Bom	Sala de Reuniões	-	#####	Pintura de Baco em acrílico com alusões a Pedro I e Inês de Castro.	Altura: 100cm Largura: 65cm	Santa Cruz, Torres Vedras	Decorativa		
7	7	Desenho	Artes plásticas	Bacchus	Autor desconhecido	Desenho grafite	Informação desconhecida	Regular	Depósito	CXLIV. Pl. a la 234 .page T.I.	S/data	Quadro com seis pequenos desenhos de Baco em grafite, em moldura de madeira.	Altura: 38,5cm Largura: 25cm	Informação desconhecida	Decorativa		
8	8	Cerâmica	Artes decorativas	Sem título	Autor desconhecido	Cerâmica vidrada	Informação desconhecida	Bom	Taberna	-	S/data	Azulejo de parede onde estão descritos os dez mandamentos da Báuica beleza que resumem o beber à portuguesa.	Altura: 30cm Largura: 15cm	Informação desconhecida	Decorativa		
9	9	Papel impresso	Artes gráficas	<i>O arrependimento dos inimigos de Deus Baco e a reconciliação dos amigos da pinga (fac-simile)</i>	Autor anónimo	Papel impresso	Informação desconhecida	Bom	Espólio em reserva	-	Outubro de 2002	Cópia de O arrependimento dos inimigos de Deus Baco e a reconciliação dos amigos da pinga.	Altura: 21,5cm Largura: 15cm Páginas: 16cm	Lisboa	Lúdica (o original, impresso em 1839, foi concebido para ser recitado nos festejos em honra de Baco no dia de S. Martinho)		
10	10	Catálogo	Artes gráficas	Ciúmes de Baco	Coordenação: Gaspar Martins Pereira/ Fotografia: Egídio Santos/ Design: Nuno Leal	Papel impresso	Doação	Muito Bom	Sala de Reuniões	-	1998	O catálogo Ciúmes de Baco descreve a arte da vinha e do vinho em Portugal nas diversas regiões do nosso país.	Altura: 30cm Largura: 21cm	Lisboa	Lúdica (este catálogo resultou de uma exposição temporária com o mesmo nome realizada em Lisboa entre 23 de junho e 26 de julho de 1998)		
11																	

11	Catálogo	Artes gráficas	O espírito do vinho e os humores	Coordenação: Alberto Guerreiro/ Investigação, texto, design e montagem: Osvaldo Macedo de Sousa	Papel impresso	Doação	Muito Bom	Sala de Reuniões	-	Julho de 2017	Catálogo <i>O espírito do vinho e os humores</i> com diversas ilustrações de Baco.	Altura: 15,5cm Largura: 15,5cm	Alcobaça	Lúdica (este catálogo chegou ao museu devido a uma exposição com o mesmo nome realizada em 2017 no Museu do Vinho de Alcobaça)	Ilustrações de Baco: <i>A Bacchanal</i> de Bordallo Pinheiro (pág. 22) / Desenho de Almeida e Silva (pág. 30) / Desenho de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro (pág. 31) / <i>Baccho Moderno</i> de Almada Negreiros (pág. 33) / Desenho de Rui Pimentel (pág. 84).
12															
12	Canjirão	Artes decorativas	Sem título	Autor desconhecido	Cerâmica	Doação	Bom	Espólio em reserva	-	S/data	Canjirão grande em cerâmica branca com figuras alusivas a Baco, com parnas, uvas e com a pega em forma de tronco de parra.	Altura: 31cm Diâmetro: 53cm Base: 11cm Boca: 8cm	Informação desconhecida	Vasilhame de vinho	
13															

13	Canjirão	Artes decorativas	Sem título	Autor desconhecido	Porcelana vidrada	Doação	Muito Bom	Espólio em reserva	V.A. Portugal	S/data	Canjirão pequeno branco em porcelana vidrada com desenhos de uvas e parnas, bem como, de um barco com pipas de vinho. No topo está presente uma representação de baco em relevo.	Altura: 19cm Diâmetro: 41cm Diâmetro c/pega: 25cm Base: 7,5cm Boca: 6,5cm	Informação desconhecida	Vasilhame de vinho	
14															
14	Canjirão	Artes decorativas	Sem título	Autor desconhecido	Barro vidrado	Doação	Regular	Espólio em reserva	-	S/data	Canjirão pequeno castanho em barro vidrado com folhas e e flores em relevo. No topo existe uma representação de Baco.	Altura: 17cm Diâmetro: 35cm Diâmetro c/pega: 36cm Base: 10,5cm Boca: 12cm	Informação desconhecida	Vasilhame de vinho	
15															

15	Canjirão	Artes decorativas	Sem título	Autor desconhecido	Barro vidrado	Doação	Mau	Espólio em reserva	-	S/data	Canjirão grande castanho em barro vidrado com diversas figuras humanas em relevo. No topo está presente uma figura de Baco	Altura: 24,5cm Diâmetro: 46cm Diâmetro c/pega: 47,5cm Base: 13cm Boca: 14cm	Informação desconhecida	Vasilhame de vinho	
16															
16	Canjirão	Artes decorativas	Sem título	Autor desconhecido	Barro vidrado	Doação	Mau	Espólio em reserva	-	S/data	Canjirão grande castanho amarelado de barro vidrado com folhas em relevo. No topo existe uma figura de Baco.	Altura: 27,5cm Diâmetro: 49cm Diâmetro c/pega: 46cm Base: 8cm Boca: 14,5cm	Informação desconhecida	Vasilhame de vinho	
17															

17	Canjirão	Artes decorativas	Sem título	Autor desconhecido	Barro vidarado	Doação	Mau	Espólio em reserva	-	S/data	Canjirão grande castanho amarelado de barro vidrado com folhas e bolas em relevo. No topo está presente uma figura de Baco.	Altura: 23cm Diâmetro: 37cm Diâmetro c/pega: 42,5cm Base: 12cm Boca: 12,5cm	Informação desconhecida	Vasilhame de vinho		
18	Canjirão	Artes decorativas	Sem título	Autor desconhecido	Barro vidarado	Doação	Regular	Espólio em reserva	-	S/data	Canjirão grande branco com pequena tampa. Com parras verdes, uvas e figuras alusivas a Baco em relevo. A pega é em formato de tronco de parra.	Altura: 20,5cm Diâmetro: 61cm Diâmetro c/pega: 67cm Base: 13,5cm Boca: 23cm	Informação desconhecida	Vasilhame de vinho		
19																

19	Canjirão	Artes decorativas	Sem título	Autor desconhecido	Barro vidarado	Doação	Bom	Espólio em reserva	-	S/data	Canjirão grande branco com adornos dourados e representações das bacantes.	Altura: 27cm Diâmetro c/pega: 46cm Base: 10cm Boca: 10cm	Informação desconhecida	Vasilhame de vinho		
20	Canjirão	Artes decorativas	Sem título	Autor desconhecido	Barro vidarado	Doação	Mau	Espólio em reserva	-	S/data	Canjirão grande branco com parras verdes, uvas e figuras alusivas a Baco. A pega é em formato de tronco de parra.	Altura: 30,5cm Diâmetro: 62cm Diâmetro c/pega: 36cm Base: 14cm Boca: 13cm	Informação desconhecida	Vasilhame de vinho		
21																
22	Pintura	Artes plásticas	Sem título	Autor desconhecido	Pintura sobre madeira	Informação desconhecida	Regular	Adega dos Depósitos?	-	S/data	Quadro em madeira com esboço sobre a vindima onde está representado Baco.	Altura: 2m Largura: 4,04m	Informação desconhecida	Decorativa		

II. Folheto do Museu do Vinho em português



ÁREAS VISITÁVEIS
COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS

1. Recepção | Bilheteira
2. Adega dos Balseiros
3. Adega dos Depósitos
4. Adega dos Tonéis
5. Taberna | Loja
6. Jardim de Baco

VISITAS GUIADAS COM PROVA DE VINHOS

JANEIRO E DEZEMBRO: TERÇA A SEXTA
FEVEREIRO A NOVENBRO: TERÇA A DOMINGO
Horário: 10h, 11h, 12h, 14h, 15h, 16h, 17h

— ENTRADA —

- **BILHETE GERAL: 4€**
 - » Público individual e grupos sem marcação
- **BILHETE COM DESCONTO**
3,60€
 - » Grupos organizados, até 30 pessoas (marcação prévia)
- **2,50€**
 - » Maiores de 65 anos (visitantes individuais - mediante apresentação de cartão de identificação);
 - » Grupos organizados, com mais de 30 pessoas (marcação prévia)
- **1,80€ (MEDIANTE MARCAÇÃO PRÉVIA)**
 - » Grupos escolares provenientes de fora do concelho de Alcobaça;
 - » Grupos organizados com mais de 100 pessoas.

— ENTRADA GRATUITA —

- » Domingos de manhã (exclusivamente para visitas individuais);
- » Crianças até aos 12 anos;
- » Grupos escolares e entidades coletivas do concelho de Alcobaça (mediante marcação prévia);
- » Membros ou funcionários: APOM; ICOM; ICOMOS; IVV; AMPV; CMA; ACA; Cooperativa Agrícola de Alcobaça;
- » Ex-funcionários da JNV/IVV.

— HORÁRIO SERVIÇOS TÉCNICOS —

GABINETE DE MUSEOLOGIA
Segunda a sexta: 9h - 13h | 14h - 18h

SERVIÇO EDUCATIVO
Segunda a sexta: 10h - 12h | 14h - 17h (mediante marcação prévia)

— CONTACTOS —

Tlm.: +351 968 497 832 **E-mail:** museus@cm-alcobaca.pt

MuseudoVinhodeAlcobaca
www.cm-alcobaca.pt



VISITA GUIADA COM PROVA DE VINHOS

MUSEU DO VINHO DE ALCOBAÇA

O MAIOR. O MAIS COMPLETO.
O NACIONAL.



O MAIOR E MAIS COMPLETO MUSEU DO VINHO PORTUGUÊS

Pelas mãos do grande vitivinicultor, José Eduardo Raposo de Magalhães, surgiu a Adega do Olival Fechado, nos finais do séc. XIX, em Alcobaça. De uma Adega moderna para o seu tempo, equipada com tecnologia de ponta da época, nasce um Museu Nacional, no séc. XX, pelo Eng. Manuel Augusto Paixão Marques, seu fundador, delegado da então Junta Nacional do vinho (J.N.V.). A produção de vinhos da marca JEM (José Eduardo Magalhães) deu lugar, em meados do séc. XX, a uma indústria em larga escala, implementada pela recém criada J.N.V.. Do legado museológico transparece hoje uma memória bem preservada da modernização operada na década de 40, aquando da aquisição do complexo da quinta do Olival Fechado pela J.N.V. aos herdeiros de José Eduardo Raposo de Magalhães, sendo deste período a transformação do espaço de adega em depósitos industriais, verticais, de vinhos brancos e tintos, segundo o modelo de Abel Pereira da Fonseca.

Um conjunto de coleções de grande valor histórico e patrimonial foi sendo constituído, a partir da década de 60, decorrente do encerramento de alguns dos armazéns da J.N.V., vindo a resultar no MAIOR E MAIS COMPLETO MUSEU DO VINHO NACIONAL. O espólio do Museu conta com um importante acervo de mais de **10.000 peças** móveis, de tipologias tão diversas como: enologia; etnologia; tecnologia tradicional; arqueologia industrial; artes gráficas, plásticas e decorativas. As memórias da J.N.V. e do atual Instituto do Vinho e da Vinha estão aqui bem presentes, contribuindo para a indiscutível dimensão nacional deste impressionante Museu. O acervo museológico é o mais completo do país na temática vitivinícola, abrangendo aspetos da cultura material do vinho de inquestionável valor histórico, científico, industrial e etnográfico que vão do século XVII ao advento do século XXI.

Um verdadeiro Museu da Cultura do Vinho!



III. Folheto do Museu do Vinho em inglês, espanhol e francês

1. Reception | Shop
2. Vat Cellar
3. Museum (Main Rooms) : Ciment Deposits Cellar
4. Cask Cellar
5. Tavern | Shop
6. Bacchus garden

1. Accueil | Boutique
2. Chais des Foudres
3. Musée (Salles Principales): Chais des Cuves em Ciment
4. Chais des Tonneaux
5. Taverne | Boutique
6. Jardin de Bacchus

1. Recepción | Tienda
2. Bodega de las Cubas
3. Bodega de los Depositos
4. Bodega de los Toneles
5. Taberna | Tienda
6. Jardin de Baco

GUIDED TOURS, EVERY HOUR
 Tuesday to Sunday
 10 a.m. | 11 a.m. | 12 noon
 2 p.m. | 3 p.m. | 4 p.m. | 5 p.m.

ADMISSION
Standard ticket: 4€
Ticket with discount: 3,60€
 Organized groups up to 30 people (under previous reservation).
Ticket with discount: 2,50€
 Seniors of 65 years old and over (presenting I.D. card or passport);
 Organized groups over 30 people (under previous reservation).
Ticket with discount: 1,80€ (Under previous reservation)
 School groups; Organized groups over 100 people.
Free admission:
 Sunday morning; only for individual visits; Children up to 12 years old;
 Alcobaça school groups and Alcobaça collective entities (Under previous reservation); Members of ICOM, ICOMOS.

VISITES GUIDÉES, CHAQUE HEURE
 Du mardi au dimanche:
 10h | 11h | 12h | 14h | 15h | 16h | 17h

TARIFIS
Prix public: 4€
Tarif réduit: 3,60€
 Groupes organisés - jusqu'à 30 personnes (sur réservation).
Tarif réduit: 2,50€
 Seniors, à partir de 65 ans (présentant un document d'identification);
 Groupes organisés - plus de 30 personnes (sur réservation).
Tarif réduit: 1,80€ (sur réservation)
 Groupes scolaires; Groupes organisés - plus de 100 personnes.
Entrée gratuite:
 Dimanche matin, exclusivement pour visites individuelles;
 Enfants jusqu'à 12 ans (accompagnés d'un adulte);
 Groupes scolaires et entités collectives de la Municipalité d'Alcobaça
 (sur réservation); Membres de ICOM, ICOMOS.

VISITAS GUIADAS, DE HORA A HORA
 De martes a Domingo:
 10h | 11h | 12h | 14h | 15h | 16h | 17h

ENTRADAS
Billete General: 4€
Billete con descuento: 3,60€
 Grupos organizados, hasta 30 personas (con cita).
Billete con descuento: 2,50€
 Seniores, desde los 65 años de edad (presentando el carnet de identidad);
 Grupos organizados, con más de 30 personas (con cita).
Billete con descuento: 1,80€ (con cita)
 Grupos Escolares; Grupos organizados, con más de 100 personas.
Entrada libre:
 Domingos, por la mañana, exclusivamente para visitas individuales;
 Niños hasta los 12 años; Grupos escolares y organismos colectivos
 del municipio de Alcobaça (con cita); Miembros de ICOM, ICOMOS.



THE BIGGEST, MOST COMPLETE. THE NATIONAL.
 LE PLUS GRAND, LE PLUS COMPLET, LE NATIONAL.
 EL MAYOR, MÁS COMPLETO, EL NACIONAL.

**MUSEU DO
 VINHO
 DE ALCOBAÇA**





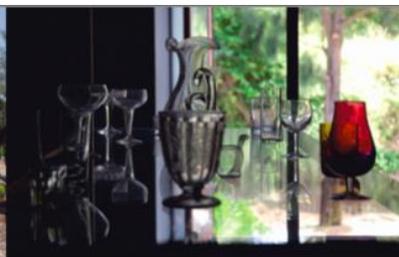
Rua de Leiria, s/ nº, Olival Fechado
 2460-059 Alcobaça - Portugal
 E-mail: museum@cm-alcobaça.pt
 Tm.: +351 968 497 832
 GPS: 39.547669 - 8.965466
MuseudoVinhodeAlcobaça
www.cm-alcobaça.pt





THE BIGGEST AND MOST COMPLETE PORTUGUESE WINE MUSEUM

The Alcobaça Wine Museum is a jewelry of the national wine production. It occupies the old cellar that José Eduardo Raposo de Magalhães built at the end of the nineteenth century. The Museum evokes a well preserved memory of the advanced technology implemented in 1948 by Junta Nacional do Vinho (National Wine Board). Manuel Augusto Paixão Marques gathered this impressive wine thematic collection, which constitutes today the biggest and most complete Portuguese wine museum. With over 10.000 important objects, the Museum gathers together an eclectic collection, with items of oenology, ethnology, traditional technology, industrial archeology and art. This vast invaluable asset integrates topics such as: viticulture; industry; storage; distribution and wine consumption. The museum compound is the most complete in Portugal, regarding the wine thematic, bringing together significant wine culture aspects with an unquestionable historic, scientific, industrial and ethnographic value from the XII to the XXI century. A real Museum of the Wine Culture!



LE PLUS GRAND ET LE PLUS COMPLET MUSÉE DU VIN PORTUGAIS

Installé dans l'ancienne cave, datant de la fin du XIXème siècle, que José Eduardo Raposo fit édifier pour mettre en œuvre et pour développer la production de ses vins JEM, le musée du vin d'Alcobaça est un joyau de la production nationale de vin. La collection que le musée possède actuellement préserve le mémoire d'un héritage bien conservé, surtout celui de sa modernisation en 1948, quand le complexe de la Quinta do Olival Fechado fut acquis par le Conseil National du Vin (J.N.V.). Une collection de grande valeur historique et patrimoniale, s'exhibe aujourd'hui dans le plus grand et le plus complet musée du vin portugais, fondé par le collectionneur Manuel Augusto Paixão Marques, ancien délégué du Conseil National du Vin. La collection du musée, avec de plus de 10 000 pièces, est une collection très électorique en ce qui concerne le thème du vin, dans la mesure où elle recouvre des aspects culturels d'incontestable valeur historique, scientifique, industrielle et ethnographique, qui vont du XVIIème au XXIème siècle. Un vrai Musée de la Culture du Vin!



EL MAYOR Y MÁS COMPLETO MUSEU DEL VINO DE PORTUGAL

El Museo del Vino de Alcobaça es una joya de la producción vitivinícola nacional. Ubicado en la bodega que, en siglo XIX, José Eduardo Raposo de Magalhães ha mandado construir para allí establecer y desarrollar la viticultura de la región. El patrimonio museológico, revela hoy una memoria bien conservada de la modernización operada en 1948, cuando de la adquisición del complejo inmueble por la Junta Nacional del Vino (JNV). El museo fue enriquecido durante las décadas de 70, 80 y 90 (siglo XX) por la personalidad coleccionista y obrera del Ingeniero Paixão Marques (delegado regional de la JNV/JV). La colección abarca aspectos significativos de la cultura material del vino de incuestionable valor histórico, científico, industrial y etnológico desde del siglo XVII hasta el siglo XXI. Cuenta con un importante acervo de más de 10 000 piezas que reúnen una colección ecléctica contemplando temas como enología, etnología, tecnología tradicional, arqueología industrial y artes gráficas, plásticas y decorativas. Un auténtico museo de la cultura del vino!

IV. Folheto do serviço educativo do Museu do Vinho

VISITAS GUIADAS

- 1. O MUSEU SALA DE AULA**
O Museu transforma-se numa sala de aula "viva", disponível aos professores que encontrem nos núcleos expositivos os conteúdos para abordar as matérias das suas disciplinas.
Duração: A ajustar com os professores.
Participantes: sem mínimo; máximo 30
- 2. VISITA AO MUSEU DO VINHO DE ALCOBACA**
Visita guiada ao Museu do Vinho com linguagem adaptada à faixa etária dos participantes.
Duração: 1h | **Participantes:** máximo 30
- 3. ESCOLHE O MUSEU**
Visita guiada a um destes três espaços museológicos de Alcobaca: Museu do Vinho, Museu Raul da Bernarda e Central da Confluência dos Rios.
Duração: 1h | **Participantes:** mínimo 8, máximo 30
- 4. ROTA DOS MUSEUS**
Visitas guiadas ao Património Histórico-Cultural de Alcobaca, com o intuito de transmitir conteúdos relativos aos diferentes espaços museológicos, enquanto se estimula a criatividade e participação do público estudantil.
Duração: 2h / 2h30 | **Participantes:** mínimo 8, máximo 30



JOGOS EDUCATIVOS

- 5. ESTENDAL DOS SABERES**
Visita guiada ao Museu do Vinho seguida da atividade "Estendal dos Saberes", jogo de exploração de conceitos relativos à história e coleção do Museu do Vinho.
Duração: 1h30 | **Participantes:** mínimo 8, máximo 30
- 6. MOSTRA O QUE VALES E APRENDE**
Visita guiada ao Museu e realização da atividade "Mostra o que Vales e Aprende", jogo de perguntas onde os participantes terão de ser rápidos a acionar uma campainha e assim poder responder a questões relacionadas com os conteúdos históricos e museológicos adquiridos a quando da visita guiada.
Duração: 1h30 | **Participantes:** mínimo 8, máximo 30
- 7. JOGO DA GLÓRIA**
Visita guiada ao Museu do Vinho seguida de Jogo da Glória, atividade de consolidação de conteúdos relativos ao Museu do Vinho e que tem como objetivo estimular a atenção, a memória e o pensamento cognitivo dos participantes.
Duração: 1h30 / 2h | **Participantes:** min. 8, máx. 30
- 8. CAÇA AO TESOURO - DESCOBRE O MUSEU**
Visita guiada ao Museu do Vinho e realização da atividade "Caça ao Tesouro", jogo de orientação onde os participantes põem à prova a sua capacidade de concentração, raciocínio e orientação espacial.
Duração: 2h30 | **Participantes:** mínimo 14, máximo 35
- 9. JOGOS TRADICIONAIS DO VINHO E DA VINHA**
Os jogos tradicionais que nasceram associados à tradição vitivinícola e que fazem parte de uma importante herança socio-cultural a conhecer e preservar.
Duração: 1h30 | **Participantes:** mínimo 8, máximo 30

OFICINAS TEMÁTICAS

- 10. MÃOS À OBRA**
Visita guiada ao Museu do Vinho, com especial incidência nos azulejos expostos no Museu. Abordagem acerca dos malefícios do álcool com comunicação audiovisual sobre o tema e oficina de expressão plástica com pintura de um azulejo.
Duração: 2h / 2h30 | **Participantes:** mínimo 8, máximo 18
- 11. ARTISTAS DE PALMO E MEIO**
Visita guiada ao Museu seguida de oficina de expressão plástica onde se fará artesanato com rolas de cortiça.
Duração: 2 horas | **Participantes:** mínimo 8, máximo 18
- 12. BOLACHAS COM PASSAS**
Abordagem acerca de uma alimentação saudável salientando a importância do consumo de fruta. Confeção de bolachas com passas e visita guiada ao Museu do Vinho.
Duração: 2h / 2h30 | **Participantes:** mínimo 8, máximo 20
- 13. NATALHA DE BARRO**
Visita guiada ao Museu do Vinho seguida de abordagem sobre a história e utilização das talhas de barro alentejanas. Oficina de expressão plástica onde se conceberá uma pequena talha de barro.
Duração: 2h | **Participantes:** mínimo 8, máximo 18



DESTINATÁRIOS							
Nº ATIV.	PRÉ-ESC.	1.º CICLO	2.º CICLO	3.º CICLO	SEGUND.	UNIVER.	ADULTOS
1.	●	●	●	●	●	●	●
2.	●	●	●	●	●	●	●
3.	●	●	●	●	●	●	●
4.	●	●	●	●	●	●	●
5.		●	●	●			●
6.	●	●	●	●			●
7.		●	●	●			●
8.		●	●	●			●
9.		●	●	●			●
10.		●	●	●			●
11.	●	●	●	●			●
12.	●	●	●	●			●
13.		●	●	●			●
14.		●	●	●			●
15.			●	●	●	●	●

PREÇO					
Nº ATIV.	GRATUITO PARA ESCOLAS DO CONCELHO	2,5€	3,9€	5€	8,5€
1.	●	●			
2.			●		
3.			●		
4.				●	
5.	●	●			
6.		●			
7.		●			
8.		●			
9.		●			
10.			●		
11.			●		
12.			●		
13.			●		
14.				●	
15.					●

ÁREAS VISITÁVEIS
COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS

- Receção | Bilheteiro
- Adega dos Balseiros
- Adega dos Depósitos
- Adega dos Tonéis
- Taberna | Lojo
- Jardim de Baco



VISITAS GUIADAS PARA GRUPOS ORGANIZADOS E ESCOLAS
SEGUNDA A SEXTA
(mediante marcação prévia)
Horário: 10h - 12h | 14h - 17h

MARCAÇÕES
Tlm.: +351 968 497 832
E-mail: museus@cm-alcobaca.pt

COMO CHEGAR
A8 - Saída 22 para Alcobaca/Nezré/Valado dos Fregues.
Saír para a N8-5 em direção a Alcobaca.
A1 - Sentido norte/sul: Saída 9 para Leiria em direção ao IC2 no sentido de Alcobaca ou IC2 seguida de IC9, ambas em direção a Alcobaca.
A1 - Sentido sul/norte: Saída 5 para Aveiras em direção ao IC2 no sentido de Leiria. Saír para a N8-6 em direção a Alcobaca.

Rua de Leiria, s/nº, Olival Fechado
2460-059 Alcobaca
(Junto ao LIDL e à Adega Cooperativa)
GPS: 39.547669 -8.965466



www.cm-alcobaca.pt
Museu do Vinho de Alcobaca



SERVIÇO EDUCATIVO

UM OLHAR SOBRE O MUNDO E A CULTURA VITIVINICULA

Os museus deixaram de ser um mero depósito do "passado" e passaram a ser um centro interativo e interventivo, com carácter pluridisciplinar. O museu é um meio de aprendizagem único e estimulante, que proporciona um espaço onde os objetos e as ideias estão lá e podem ser explorados e conhecidos, transportando-os para as realidades contemporâneas do dia-a-dia.

As suas atividades lúdicas evocam a história, a cultura, o território e as gentes através de experiências de conhecimento que fomentam, em última instância, a sensibilização e a consciencialização sobre um património que é a nossa base de sustentação cultural (memória), mas também um vínculo de referência para o futuro (dever).

O serviço educativo do Museu do Vinho de Alcobça desenvolve um conjunto diversificando de iniciativas tendo como missão o incremento do conceito de função educativa, um dos principais eixos de programação e ação. Insere-se numa das suas maiores incumbências políticas e conceptuais: contribuir para a crescente democratização cultural da sociedade em que se inserem e desenvolvem actividade.

A programação educativa do museu é dirigida aos diversos públicos (escolares e não escolares) numa política de articulação institucional, pela via de projetos lúdico-pedagógicos que estimulem a criatividade, a literacia e a partilha intergeracional e multicultural dos visitantes tendo como ponto central as necessidades prementes da comunidade local e da sociedade contemporânea em geral.

O programa pretende contribuir para o desenvolvimento de competências dos públicos gerando um crescente e maior sentido crítico e de reflexão sobre o território (um olhar sobre o mundo e as coisas) e o património material e imaterial a ele associado. Para esse efeito, está baseado na troca de experiências e de conhecimentos cuja avaliação é estabelecida em torno de estratégias pedagógicas que procuram sensibilizar os públicos para questões centrais da comunidade e da sociedade, com destaque para o património cultural.

Estas estratégias são postas em prática através de um leque de atividades museológicas e educativas, como visitas temáticas orientadas aos níveis etários e escolares, jogos e educativos adaptados aos conteúdos dos museus e oficinas pedagógicas cujas ações se interligam ao ensino formal e aos programas curriculares vigentes.



OBJECTIVOS:

- Promover a melhoria do sucesso educativo dos alunos do Ensino Básico e Secundário, combatendo o seu insucesso escolar, através do desenvolvimento de atividades culturais, em articulação com a educação formal e a educação não formal;
- Desenvolver o espírito crítico e a capacidade de reflexão acerca dos desafios abordados;
- Criar uma atmosfera criativa propícia para a partilha de conhecimento, cooperação e resolução coletiva de desafios;
- Estimular e promover atividades de apresentação dos trabalhos desenvolvidos;
- Capacitar os participantes com ferramentas que lhes possibilitem no terreno, experiências próximas das que são descritas em contexto de sala aula (articulação com os professores).

GRUTAS DA MOEDA

OFICINAS EM PARCERIA COM A GRUTA DA MOEDA

VISITA À GRUTA + VISITA AO CENTRO (CICA GM) + VISITA AO MUSEU DO VINHO DE ALCOBÇA

14. O PEQUENO ALQUIMISTA

Esta atividade multidisciplinar inclui as visitas à Gruta, ao Centro de Interpretação (Cica gm) e ao Museu do Vinho. Conclui a Geologia com a Vitivinicultura de Portugal, particularizando características dos solos, (pH, consistência, impermeabilização, porosidade, densidade e composição), a sua influência na biodiversidade e consequentemente na vinha. Será feita uma abordagem à história da indústria e do comércio do vinho em Portugal remetendo para a sua importância na História e Geografia no território nacional.

Nas Grutas da Moeda os alunos terão oportunidade de viajar até ao Jurássico Médio Português dentro de uma cavidade natural e entender os processos químicos, físicos e geológicos associados à passagem do Maciço Calcário Estremenho.

Duração: 1 dia



15. A GEOLOGIA DO VINHO

Esta atividade multidisciplinar inclui as visitas à Gruta, ao Centro de Interpretação (Cica gm) e ao Museu do Vinho. Conclui a Geologia com a Vitivinicultura de Portugal, particularizando características dos calcários, a sua influência na biodiversidade e consequentemente na vinha. A importância do Vinho na História e Economia de Portugal também são abordados, bem como o processo Químico e Biológico da fermentação. No Museu do Vinho os alunos têm contacto com aspetos significativos da cultura material do vinho de inquestionável valor histórico, científico, industrial e etnográfico que vão do século XVII ao século XXI. Nas Grutas da Moeda os alunos terão oportunidade de viajar até ao Jurássico Médio Português dentro de uma cavidade natural, permitindo fazer uma viagem do passado ao presente.

Duração: 1 dia | Participantes: sem limite



ATIVIDADES EDUCATIVAS

MUSEU DO VINHO DE ALCOBÇA



V. Imagens relativas ao estudo da coleção de Baco



Figura 1 - Entrada 1 na tabela do estudo de Baco



Figura 2 - Entrada 2 na tabela do estudo de Baco



Figura 3 - Entrada 3 na tabela do estudo de Baco



Figura 4 - Entrada 4 na tabela do estudo de Baco



Figura 5 - Entrada 5 na tabela do estudo de Baco



Figura 6 - Entrada 6 na tabela do estudo de Baco



Figura 7 - Entrada 7 na tabela do estudo de Baco

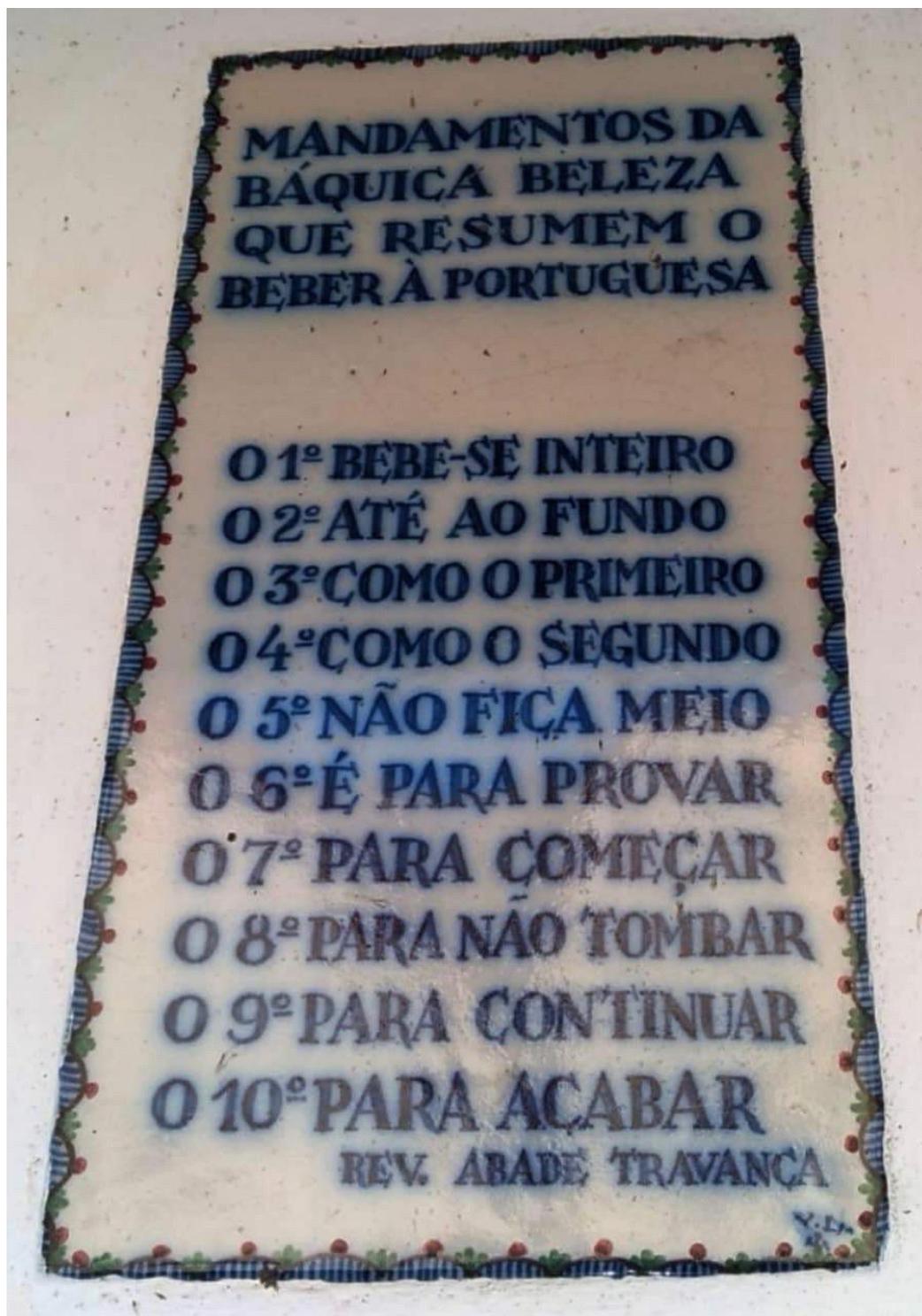


Figura 8 - Entrada 8 na tabela do estudo de Baco

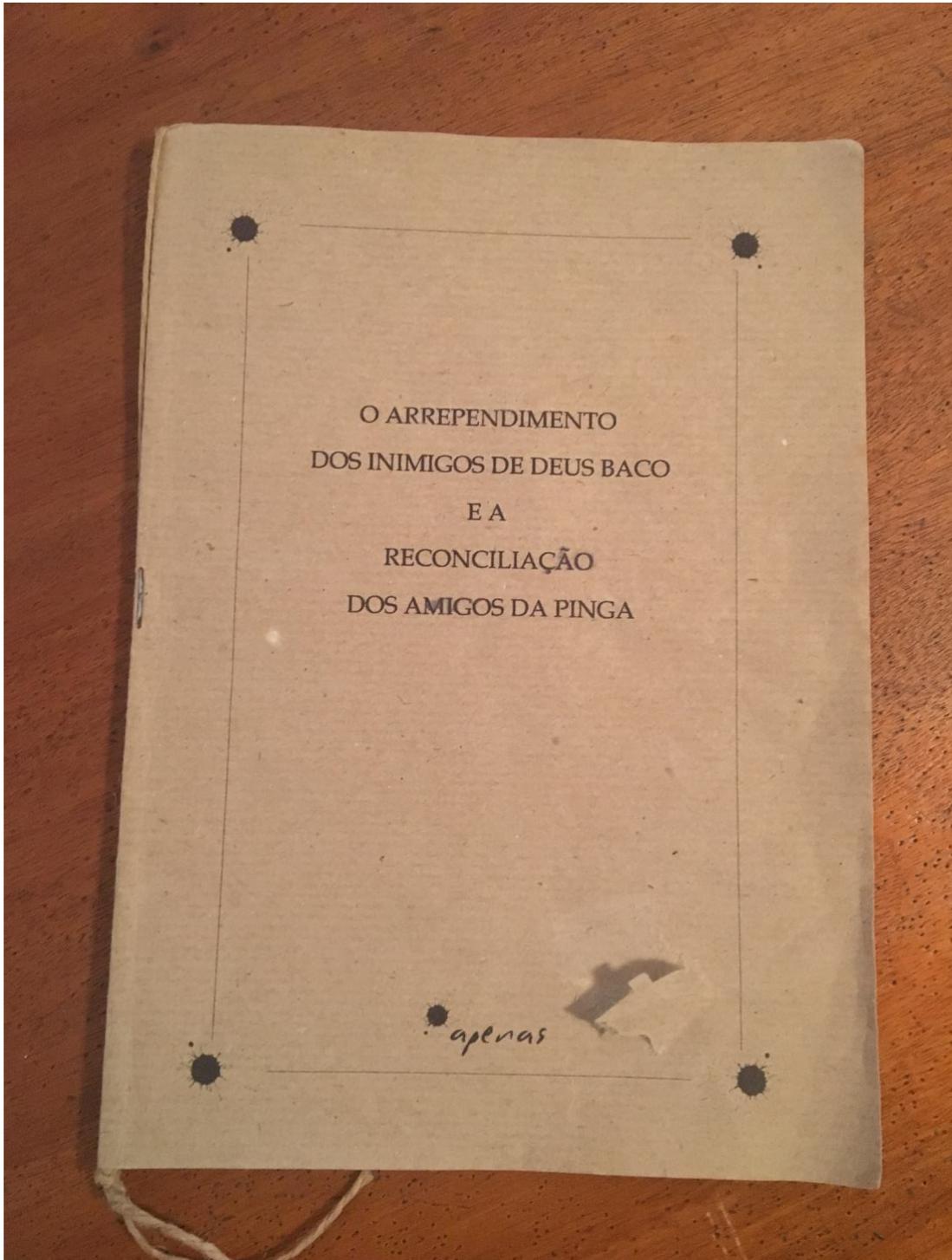


Figura 9 - Entrada 9 na tabela do estudo de Baco

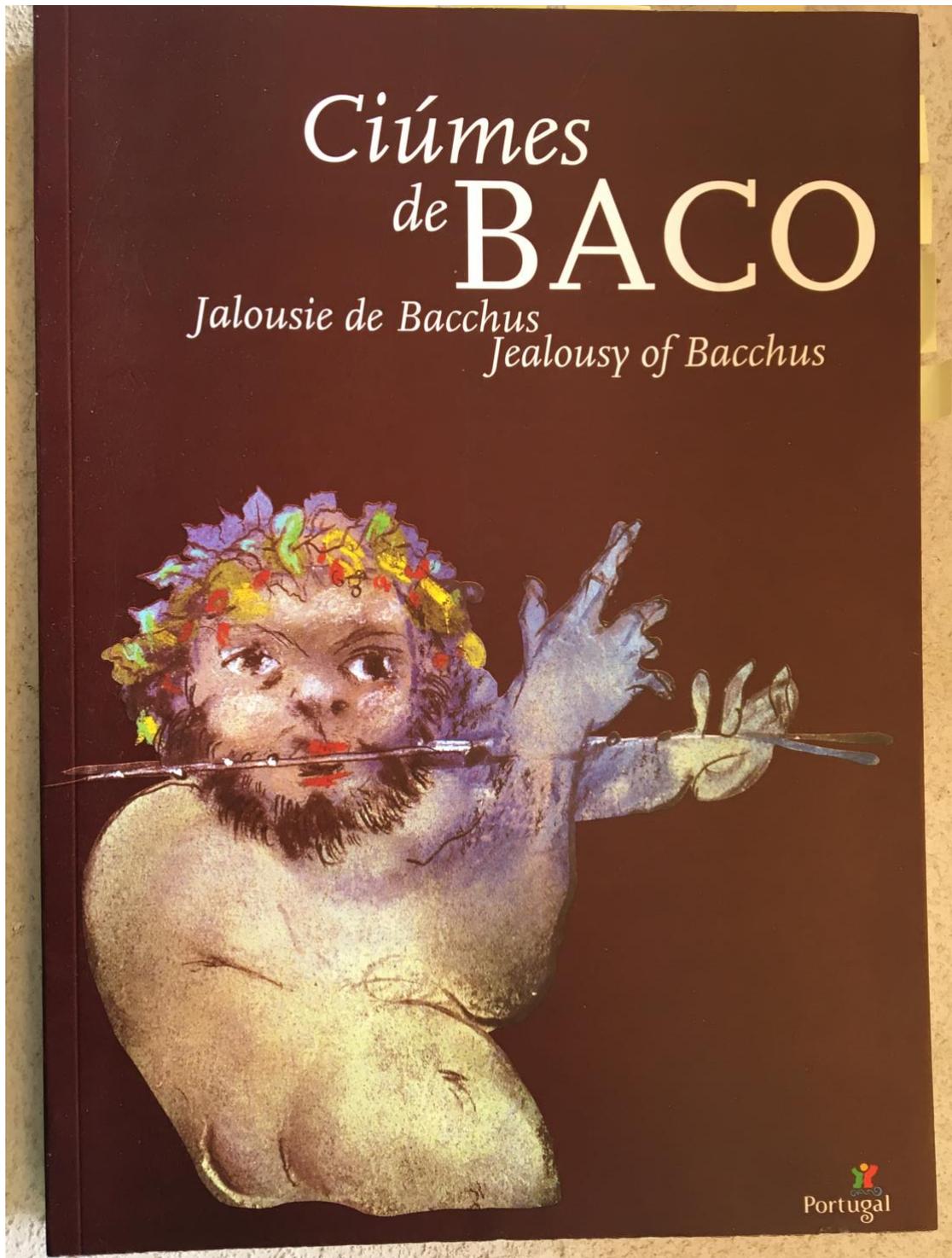


Figura 10 - Entrada 10 na tabela do estudo de Baco

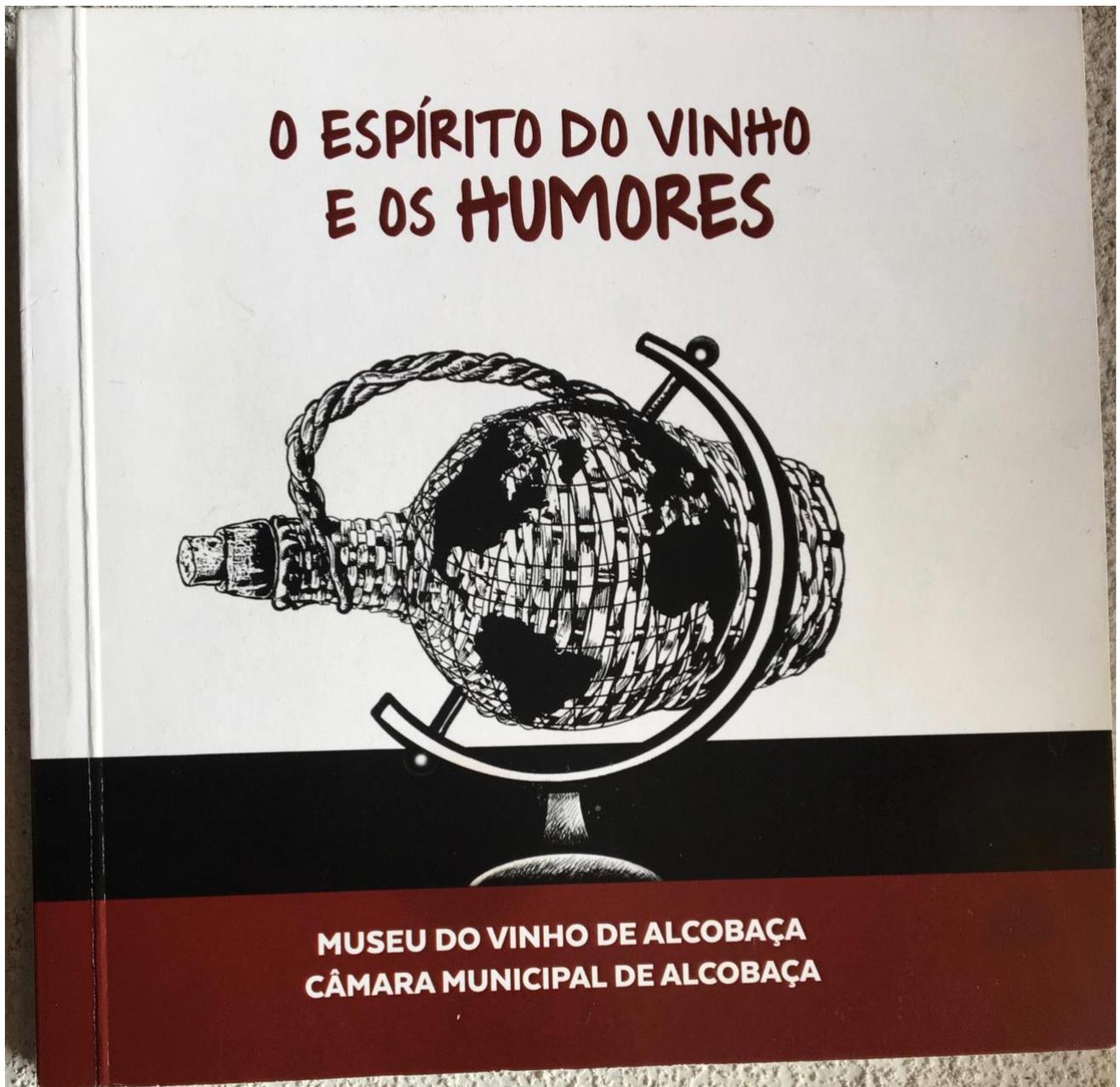


Figura 11 - Entrada 11 na tabela do estudo de Baco



Figura 12 - Entrada 12 na tabela do estudo de Baco



Figura 13 - Entrada 13 na tabela do estudo de Baco



Figura 14 - Entrada 14 na tabela do estudo de Baco



Figura 15 - Entrada 15 na tabela do estudo de Baco



Figura 16 - Entrada 16 na tabela do estudo de Baco



Figura 17 - Entrada 17 na tabela do estudo de Baco



Figura 18 - Entrada 18 na tabela do estudo de Baco



Figura 19 - Entrada 19 na tabela do estudo de Baco



Figura 20 - Entrada 20 na tabela do estudo de Baco



Figura 21 - Entrada 21 na tabela do estudo de Baco